



UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO – ESTUDOS ESTRATÉGICOS E RELAÇÕES
INTERNACIONAIS



MARCO ANTÔNIO GOERSCH ALMEIDA JÚNIOR

**A CONTRIBUIÇÃO DAS OPERAÇÕES PSICOLÓGICAS
PARA AS CAMPANHAS MILITARES DA 2ª GUERRA MUNDIAL**

Niterói
2024

MARCO ANTÔNIO GOERSCH ALMEIDA JÚNIOR

**A CONTRIBUIÇÃO DAS OPERAÇÕES PSICOLÓGICAS
PARA AS CAMPANHAS MILITARES DA 2ª GUERRA MUNDIAL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade Federal Fluminense (UFF) como requisito necessário à obtenção do título de pós-Graduação em Relações Internacionais e Estudos Estratégicos.

Orientador:

Prof. Dr. EDUARDO HELENO DE JESUS SANTOS

Niterói
2024

MARCO ANTÔNIO GOERSCH ALMEIDA JÚNIOR

**A CONTRIBUIÇÃO DAS OPERAÇÕES PSICOLÓGICAS
PARA AS CAMPANHAS MILITARES DA 2ª GUERRA MUNDIAL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade Federal Fluminense (UFF) como requisito necessário à obtenção do título de pós-Graduação em Relações Internacionais e Estudos Estratégicos.

Aprovada em:

BANCA EXAMIDORA

Prof. Dr. EDUARDO HELENO DE JESUS SANTOS (Orientador) – UFF
Departamento de Estudos Estratégicos e Relações Internacionais – INEST

Prof. Dr. – UFF
Departamento de Estudos Estratégicos e Relações Internacionais – INEST

Niterói
2024

AGRADECIMENTOS

Ainda que seja de conhecimento que no meio acadêmico que não se deve agradecer, nos trabalhos, a deus, não vou, aqui, agradecer a deus, nem a outra entidade qualquer que não mereça meu agradecimento. Irei, de fato, mencionar e fazer toda referência, com deferência, a ADONAI, O CRIADOR, O REI DO UNIVERSO, O SENHOR da Torá, O D'US da Bíblia, D'US de Abraão, Isaac e Jacó e a Seu filho YESHUA HA MASHIACH, JESUS CRISTO. E faço isso pelo motivo de que se em janeiro de 2008, JESUS não tivesse se revelado a mim, não estaria vivo para escrever este trabalho. A ELE a honra, a glória e o louvor. Agradeço também minha amiga, companheira e esposa, Gabriela Goersch por todo suporte e toda parceria que me tem dado na vida e para que pudesse concluir bem este trabalho. Agradeço aos meus filhos Samuel e Boaz Goersch por terem compreendido que neste momento precisei mais da compreensão deles do que em outrora. Agradeço ao meu Pai, Marco Goersch e à minha Mãe, Ana Vasconcelos por todo amor e ensinamento. Agradeço ainda ao corpo docente do Instituto de Estudos Estratégicos da Universidade Federal Fluminense pela dedicação e contribuição na minha formação. Especialmente, agradeço ao meu orientador, o Professor Eduardo Heleno de Jesus Santos por todo direcionamento com este trabalho. Por fim, agradeço à Marinha do Brasil e ao Corpo de Fuzileiros Navais, instituições pelas quais sirvo à Pátria Brasileira e das quais tenho profundo orgulho de pertencer e que me deram a oportunidade de aprimorar meu conhecimento junto ao INEST.

*"A única alternativa para a guerra é a paz.
E a única alternativa para a paz é a
negociação" (Golda Meir)*

RESUMO

O presente estudo analisa a contribuição das Operações Psicológicas para as Operações Militares da Segunda Guerra Mundial, levantando duas Operações que, a priori, recebiam tal denominação, mas que sobre as quais restava dúvida se de fato foram em virtude dos elementos constitutivos da definição atual destas operações. Consta deste trabalho a precisa definição e delimitação das Operações Psicológicas, visto que atualmente há compreensões equivocadas nos veículos informativos correntes sobre o assunto. A técnica utilizada foi a pesquisa bibliográfica documental. Para isto, foi elencado o contexto histórico da época com o intuito de se verificar o pensamento coletivo e nuances ideológicas que pairavam sobre as mentes européias do período. Segue-se por uma breve abordagem sobre os principais pensadores e estudiosos sobre o comportamento humano e suas contribuições científicas para a sociedade. Por fim, é feita uma análise sobre duas operações para se verificar sua adequabilidade e correta definição para constatar se podem, ou não, ser consideradas Operações Psicológicas, e ainda, atestar suas eficácias por meio de comprovações de que seus objetivos psicológicos foram, de fato, alcançados. O intuito deste trabalho é tornar clara a finalidade desta ferramenta e dirimir possíveis dúvidas e assim evitar a obliteração do seu real propósito.

Palavras-chave: Operações Psicológicas, Segunda Guerra Mundial, Operações de Informação, Operação *Mincemeat*, Operação *Bernhard*.

ABSTRACT

This study examines the contribution of Psychological Operations to Military Operations during World War II, focusing on two Operations that were initially classified as such, but whose classification remained questionable due to the evolving definition of these operations. This work provides a precise definition and delimitation of Psychological Operations, considering that current informational sources often present misunderstandings about the subject. The technique used was documentary bibliographic research. The historical context of the time was outlined to understand the collective mindset and ideological nuances prevailing in Europe during the period. This is followed by a brief overview of key thinkers and scholars of human behavior and their scientific contributions to society. Finally, an analysis of two operations is conducted to assess their suitability and proper classification, determining whether they can indeed be considered Psychological Operations and evaluating their effectiveness by confirming that their psychological objectives were achieved. The purpose of this work is to clarify the purpose of this tool, eliminate potential misunderstandings, and prevent the obliteration of its true purpose. **Keywords:** Psychological Operations, World War II, Information Operations, Operation Mincemeat, Operation Bernhard.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
1. PRESSUPOSTOS.....	4
1.1. Bases Teóricas.....	4
1.1.1. Uma visão neorrealista.....	4
1.1.2. O comportamento humano.....	4
1.1.3. Principais psicólogos e psicanalistas que abordam o tema.....	7
1.2. Contexto histórico.....	13
1.2.1. Pré – Primeira Guerra Mundial.....	14
1.2.2. A Primeira Guerra Mundial.....	16
1.2.3. O entre guerras.....	20
1.2.4. A 2ª Guerra Mundial.....	22
2. DEFINIÇÕES E TRAJETÓRIA DAS OPERAÇÕES PSICOLÓGICAS.....	28
2.1. Inteligência Militar, Operações de Informações e Operações Psicológicas e outras definições.....	28
2.2. Gênese e desenvolvimento das Operações Psicológicas.....	32
3. ANÁLISE.....	37
3.1. Operações de Informação na Segunda Guerra Mundial.....	37
3.2. Operação <i>Mincemeat</i>	37
3.3. Operação <i>Bernhard</i>	41
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	49

INTRODUÇÃO

Atualmente, no Brasil, existe um grande desconhecimento, ou ainda, uma grande desinformação de certos conceitos militares no âmbito civil. A interação entre a Academia e os Militares, certamente, resultará num esclarecimento último que proporcionará uma relação mais racional e inequívoca.

Concernente às Relações Internacionais, esta pesquisa pressupõe a visão neo-realista, devido à busca incessante por segurança em um sistema anárquico o que frequentemente leva à insegurança coletiva (WALTZ, 2002, p. 147). Esta dinâmica é central para entender os comportamentos estatais contemporâneos, visão esta, fundamentada pelas ideias dos autores John Herz e Kenneth N. Waltz. Tais entendimentos de mundo são fundamentais para explicar as ações preventivas e reativas dos Estados diante de ameaças percebidas, destacando a natureza paradoxal da segurança internacional. Apesar do papel importante das organizações internacionais em promover a cooperação e reduzir conflitos, tanto Herz quanto Waltz apontam suas limitações e falhas (HERZ, 1950, p. 177 e 178). Herz argumenta que essas organizações muitas vezes não conseguem resolver os problemas de segurança, enquanto Waltz sustenta que, apesar dos esforços institucionais, a distribuição de poder entre os Estados continua a ser o fator preponderante (WALTZ, 1979, p. 197).

Um conceito que ainda é motivo de grande nebulosidade, mormente em meios diversos ao militar, é o das Operações Psicológicas (OpPsc) Militares. De fato, para uma melhor abordagem, é necessário saber: o que são, o que fazem, quais são os propósitos, e ainda, onde são empregadas.

Este estudo se propõe trazer à luz alguns conceitos e definições sobre esse tema, num recorte temporal que não poderia ser mais apropriado que o da 2ª Guerra Mundial, ademais se propõe a identificar algumas OpPsc desferidas pelos blocos contendores e caracterizá-las para se ter certeza se, efetivamente, fazem jus a essa denominação e quão eficazes foram.

Será, de igual forma, analisado a definição de Operações Psicológicas a fim de entender sua natureza ontológica e epistêmica com o intuito de delimitar a abrangência conceitual e restringi-lo para que se possa, num trabalho futuro, especializar e otimizar seu emprego e dirimir qualquer adjetivação descabida e desvirtuada. O foco está na contribuição das denominadas Operações Psicológicas, que possuem bibliografia, ocorridas na Segunda Grande Guerra, sucedida entre 1939 a 1945, com o intuito de tentar constatar sua categorização e a sua contribuição para o estado final desejado nas operações às quais estavam inseridas e suas respectivas eficácias para com os objetivos psicológicos esperados.

O ambiente de uma guerra já passada e amplamente estudada, decerto, é propício para se aprofundar e, assim, proporcionar um maior entendimento do assunto, com todas as nuances que o cerca. Cabe destacar, a delimitação territorial do presente estudo, qual seja, o continente europeu, o Mar Mediterrâneo e o norte da África, onde ocorreram grande parte dos Teatros de Operações daquele grande conflito.

Para atingir seu fim, serão aqui enumeradas algumas Operações que foram denominadas como Operações Psicológicas inseridas no contexto das grandes operações ofensivas, defensivas ou de informação, será identificado quem era o público-alvo, será verificado se houve, afinal, mudança de comportamento (requisito de eficácia), e ainda, será analisado se, efetivamente, essa mudança de comportamento contribuiu para os fins estratégico-militares das Forças que desferiram tais Operações.

É de fundamental importância tecer uma pesquisa bibliográfica, bem como uma análise comparativa das Operações Psicológicas da 2ª Guerra Mundial por meio de consultas as fontes primárias (disponíveis na internet) e as secundárias (livros e trabalhos acadêmicos acerca do assunto), elegendo uma quantidade de Operações Psicológicas, sobre as quais já se têm amplo conhecimento, desferidas pelos países Aliados e pelos países do Eixo, durante a Segunda Grande Guerra. Neste contexto, se estabelecerá um vínculo de finalidade entre Operação Psicológica, Objetivos Psicológicos (fins das Operações) e Operação Ofensiva ou Operação de Informação para as quais contribuiu.

Este trabalho está estruturado da seguinte forma: no primeiro capítulo serão lançadas as bases teóricas para se abordar o tema em questão, tanto a corrente de pensamento das Relações Internacionais, quanto os principais psicólogos ou psicanalistas que estudaram sobre o comportamento humano. Ainda nesse capítulo, será tratado sobre o contexto histórico na qual a Segunda Grande Guerra está inserida, não somente o período desta, mas um corte temporal pretérito no qual se possam compreender os fatos e os sentimentos vividos na época. Algumas definições serão elencadas e analisadas no capítulo dois para que se possa ter uma referência comparativa e para que se estabeleçam as definições necessárias para esta análise, seguida, no mesmo capítulo, por uma exposição do histórico das Operações Psicológicas e suas similares mais antigas. A análise das Operações Psicológicas, para que se possa ter certeza que assim possam ser definidas, constará do capítulo três, seguido, finalmente pelas considerações finais desta pesquisa acadêmica.

No contexto da Segunda Grande Guerra, as OpPsc foram largamente empregadas visto que a Alemanha sob o comando de Adolf Hitler, contava com seu ministro da propaganda Joseph Goebbels, responsável por duas tarefas nazistas: fazer o povo alemão obedecer

cegamente ao partido nazista e adorar seu líder, o *Führer* (Líder ou Guia) (MANVELL e FRAENKEL, 2012, p. 13 e 103). Goebbels era por certo capacitado para desferir qualquer operação de cunho informacional, inclusive as OpPsc.

Após a derrota alemã na 1ª Guerra Mundial (1914-1918), Hitler, ao desenvolver o ideal nazista - sua gênese atribui-se a Anton Drexler em 1919 -, sabia que era primordial ganhar as batalhas no campo informacional com uma ferramenta que, àquele tempo, se denominava propaganda, mas que na 2ª Guerra Mundial recebeu um conceito mais adequado para seus fins bélicos pretendidos. (KÜHN, 2006).

Para os Países Aliados não foi diferente. Houve operações que foram cruciais para a derrota do exército nazista, mesmo diante do sucesso das campanhas alemãs que eram eficazes por sua rapidez e sua descentralização denominada Guerra Relâmpago, do alemão *Blitzkrieg*. Na Segunda Guerra Mundial, houve uma série de Operações Psicológicas de ambos blocos de contendores. Do lado alemão, pode-se reconhecer ações de Operações Psicológicas na *Operação Barbarossa* (invasão da União Soviética em 1941), *Operação Weserübung* (invasão da Dinamarca e da Noruega pela Alemanha nazista em abril de 1940) e *Operação Bernhard* (operação para falsificar moeda britânica e desestabilizar a economia do Reino Unido por meio da introdução de libras esterlinas falsificadas em massa), dentre outras. Já os aliados desferiram a *Operação Fortitude* e *Bodyguard* (campanha maciça de desinformação pré-Dia D), *Operação Mincemeat* (cadáver fictício munido de documentos falsos para fazer parecer que eles estavam planejando uma invasão da Grécia e da Sardenha), *Operação Sauerkraut* (lançamento de panfletos sobre as linhas inimigas para minar o moral das tropas alemãs e incentivar a deserção), dentre outras.

Se as Operações Psicológicas dos Aliados conseguiram mudar comportamentos, crenças ou emoções dos nazistas e, por conseguinte, atingiram seus objetivos psicológicos, então elas contribuíram para o sucesso das Operações Ofensivas dos aliados, culminando na vitória dos aliados sobre a Alemanha de Adolf Hitler.

Afinal, diante da imprecisão do termo “Operação Psicológica” no âmbito militar e civil, pode-se dizer que no ambiente a 2ª Guerra Mundial houve, de fato, OpPsc ou apenas operações outras que podem ser consideradas Operações de Desinformação, e caso tenha ocorrido, quais foram, realmente?

1. PRESSUPOSTOS

1.1. Bases Teóricas

1.1.1. Uma visão neorrealista

As Relações Internacionais (RI) são caracterizadas por uma gama de teorias que se propõem a entender as interações e dinâmicas entre Estados e demais atores no sistema internacional, cuja principal característica é a anarquia. Entre essas teorias, o neorealismo, evolução do realismo clássico, cujo principal autor é Kenneth Waltz - enfatizador da diferença entre hierarquia e anarquia nas RI (WALTZ, 1979, p. 115) -, se destaca por acrescentar a essa última corrente, uma lente empírica e pragmática e não mais apriorística e generalista.

Esta visão emergiu como uma resposta às mudanças no cenário internacional do pós-Segunda Guerra Mundial. Enquanto o realismo clássico, representado por autores como Hans Morgenthau, enfatizava a natureza humana e as motivações dos líderes políticos, principalmente americanos e soviéticos, o neorealismo translada o foco para a estrutura do sistema internacional, acrescentando outros atores, tais como as organizações internacionais (WALTZ, 1979, p. 88). Ele argumenta, ainda, que o comportamento dos Estados é determinado pela estrutura anárquica do sistema internacional, onde não há uma autoridade central para impor regras ou resolver disputas. Essa estrutura leva os Estados a agir de maneira racional para garantir sua própria sobrevivência (WALTZ, 1979, p. 92).

Embora haja uma crítica a esse pensamento, feita por John Mearsheimer, em sua obra "*The Tragedy of Great Power Politics*" (2001), que acrescenta o conceito de realismo ofensivo, o qual argumenta que os Estados não apenas buscam segurança, mas também maximização de poder (MEARSHEIMER, 2001, p. 29), essa regra, contudo, possui variáveis que desprezam a diplomacia, a cooperação, a importância das Instituições Internacionais e foca em dar muito peso ao poder militar e à segurança, em detrimento de outras dimensões das relações internacionais.

1.1.2. O comportamento humano

Há vários autores psicólogos e psicanalistas que tratam sobre o comportamento humano com diferentes abordagens, tais como Sigmund Freud, Carl Jung, Burrhus Frederic Skinner, Jean Piaget e Lev Vygotsky. Cada um argumenta um tipo de abordagem e um fator que contribui para o comportamento, para a cognição e para o aprendizado, sendo este último parte do antecedente. Mas o que é o comportamento? Ele pode ser mudado? Qual a diferença entre comportamento e atitude?

Para entender o que é comportamento, deve-se entender os prismas através dos quais pode-se abordar o conceito de comportamento. Sob o ponto de vista da psicologia - ótica pertinente a este trabalho -, a definição de comportamento é, conforme Cabral e Nick:

COMPORTAMENTO - Conjunto de normas extremamente complexas de reações ou respostas de um organismo aos estímulos recebidos do seu meio. Skinner definiu o comportamento como "o movimento de um organismo ou de suas partes num sistema de coordenadas fornecido pelo organismo em questão ou por distintos objetos externos ou campos de força. (Cf, Skinner, *The Behavior of Organisms*, 1938). Ver: BEHAVIORISMO/ COMPORTAMENTO, LEIS DO.

O comportamento, portanto, pode ser entendido, basicamente, como normas (ou padrões) de respostas a estímulos do meio ao qual o indivíduo está inserido. Para maior esclarecimento, cresce de importância saber a diferença de comportamento e atitude, sendo esta última, diferente do primeiro, uma predisposição ou um estado mental que norteará uma resposta a elementos (objeto ou categoria de objetos), que pode ser aprendida, ainda que de forma involuntária, conforme definida a seguir por Cabral e Nick (CABRAL e NICK, 1979, p. 29),

ATITUDE - Termo que pode ser definido de acordo com vários contextos psicológicos: (1) Predisposição adquirida e relativamente duradoura para responder de um modo coerente a uma dada categoria de objetos, conceitos ou pessoas. Essa predisposição ou tendência inclui componentes manifestos (motores), ideacionais (crenças) e afetivos (emocionais). (2) Estado mental persistente que possibilita ao indivíduo responder prontamente a determinado objeto ou categoria de objetos, não como eles são, mas como o indivíduo pensa que eles são. A atitude não é diretamente observada, mas inferida da coerência dessa resposta. (3) Somatório das relações básicas (positivas e negativas) entre o eu e seus objetos: tolerância-preconceito, simpatia-antipatia, receptividade-repulsão, altruísmo-egoísmo. A atitude representa uma fusão de elementos afetivos e comportamentais que não foram adquiridos formal e conscientemente mas, de um modo incidental, do nosso meio social. A maioria das atitudes são absorvidas daqueles que nos cercam, sem que estejamos cientes desse fato. Numerosos experimentos demonstraram que as atitudes podem ser adquiridas (aprendidas) por meios associativos comuns, sem que o

indivíduo se aperceba disso. Uma pessoa nasce numa dada cultura, subcultura, comunidade-e família, e adquire inconscientemente as atitudes predominantes desses grupos. As atitudes pertencem a um nível superior de organização da personalidade, em comparação com os mecanismos de defesa mais específicos, embora não constituam ainda um nível de integração tão elevado quanto os ideais e os sistemas de valores.

A possibilidade de mudança de comportamento é amplamente reconhecida e estudada na psicologia, especialmente através dos princípios do behaviorismo. B. F. Skinner, um dos principais teóricos desta abordagem, demonstrou que o comportamento pode ser moldado e modificado por meio de reforços e punições aplicados pelo meio. Segundo Skinner (1953, p. 66), o comportamento é o resultado de interações com o meio, e através do condicionamento operante, comportamentos podem ser alterados de maneira eficaz e, muitas vezes, rapidamente. Por exemplo, um comportamento simples, como ensinar um cachorro a sentar, pode ser modificado em questão de dias utilizando-se recompensas imediatas e consistentes.

A mudança de atitude, por outro lado, pode ser um processo mais complexo e demorado, uma vez que envolve componentes afetivos, cognitivos e comportamentais. A teoria da dissonância cognitiva, proposta por Leon Festinger (1957), sugere que atitudes podem mudar quando há uma inconsistência entre crenças e comportamentos, motivando o indivíduo a alinhar suas atitudes com suas ações. Além disso, o Modelo de Probabilidade de Elaboração (ELM) de Petty e Cacioppo (1986, p. 127) explica que a persuasão pode mudar atitudes, dependendo do nível de envolvimento cognitivo do indivíduo com a mensagem. Mudanças através do caminho central do ELM tendem a ser mais duradouras, embora possam levar mais tempo para se consolidar.

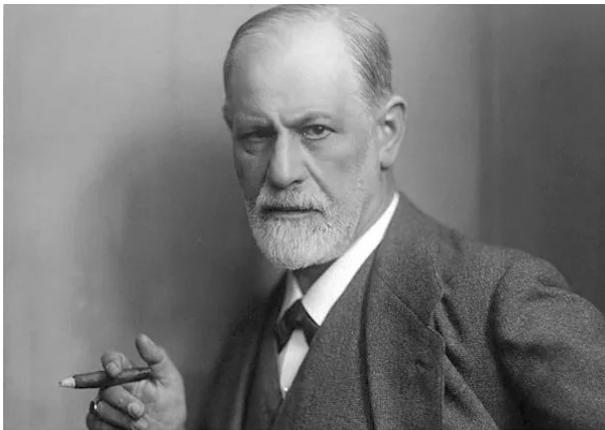
Comparando a mudança de comportamento com a mudança de atitude, observa-se que a duração e a complexidade do processo são diferentes. Mudanças de comportamento podem ocorrer rapidamente quando reforços e punições são aplicados de forma consistente. Por exemplo, um comportamento indesejado em crianças, como interrupções constantes, pode ser reduzido significativamente em poucas semanas com o uso de técnicas de reforço positivo e negativo (Skinner, 1953). Por outro lado, mudanças de atitude, que envolvem a reavaliação de crenças e a integração de novas informações, tendem a ser mais lentas e exigem um processamento cognitivo mais profundo. Campanhas de saúde pública, como as de combate ao tabagismo, frequentemente levam anos para alterar atitudes em larga escala. Portanto, enquanto comportamentos podem ser ajustados relativamente

rápido, as atitudes, por sua complexidade, necessitam de um tempo maior para mudança efetiva e duradoura.

1.1.3. Principais psicólogos e psicanalistas que abordam o tema

a) Sigmund Freud (1856-1939)

Conhecido como o pai da psicanálise, Freud, foi um psicólogo judeu, nascido em 6 de maio de 1856, em Freiberg, Morávia (hoje parte da República Tcheca). Estudou medicina na Universidade de Viena, onde se formou como médico em 1881. Ele se especializou em neurologia e trabalhou com Jean-Martin Charcot em Paris, onde foi introduzido à hipnose.



Freud desenvolveu a teoria psicanalítica, que propõe que os comportamentos humanos são influenciados por processos mentais inconscientes. Ele argumentava que muitos dos nossos pensamentos, sentimentos e motivações estão fora da nossa consciência e podem afetar significativamente nosso comportamento (FREUD, 1900, p. 59).

O psicanalista descreveu a mente como sendo dividida em três partes: o id, o ego e o superego (FREUD, 1923). O id representa os impulsos instintivos e desejos inconscientes, o ego é responsável pela mediação entre as demandas do id, do superego e da realidade externa, e o superego representa os valores e normas internalizados da sociedade.

Para o autor, a sexualidade desempenha um papel central no desenvolvimento humano, começando na infância (FREUD, 2018 p. 36-42). Ele introduziu conceitos como a fase oral, anal, fálica, de latência e genital, que descrevem estágios específicos do desenvolvimento psicossexual. Todavia, indubitavelmente, a psicanálise é sua maior contribuição para a psicologia. A psicanálise, por sua vez, é um método terapêutico para explorar os conteúdos do inconsciente que utiliza técnicas como a associação livre, interpretação dos sonhos e análise dos lapsos freudianos (parapraxia ou atos falhos) para acessar as camadas mais profundas da mente humana.

b) Carl Jung (1875-1961)

Carl Gustav Jung, psiquiatra suíço cuja conhecimento se espalhou para além da psicologia, tocando a antropologia, a literatura, a filosofia e a religião. Fundador da psicologia analítica, Jung nasceu em Kesswil, na Suíça, numa família protestante, o que, sem dúvida, moldou seu interesse pelos aspectos espirituais da psique. Sua vida acadêmica começou na



Universidade de Basel, onde estudou medicina e posteriormente se especializou em psiquiatria. Seu envolvimento com o Hospital Psiquiátrico de Burghölzli, em Zurique, sob a orientação de Eugen Bleuler, marcou o início de sua carreira profissional, onde começou a desenvolver suas próprias teorias sobre a mente humana. Jung desenvolveu o conceito de inconsciente coletivo, a teoria dos arquétipos e a individuação, conceitos estes que se tornaram pilares de sua psicologia analítica (JUNG, 1968). Suas obras, como "Memórias, Sonhos, Reflexões", revelam uma mente inquisitiva que transcendeu fronteiras disciplinares, influenciando não apenas a psicologia, mas uma gama de outras áreas de conhecimento.

A relação entre Jung e Freud, foi inicialmente marcada por uma promissora parceria intelectual, contudo, acabou por se dissolver em uma discordância teórica insuperável. Jung, com sua mente questionadora, achou em Freud uma inspiração e um colega, colaborando ativamente no movimento psicanalítico emergente. Entretanto, as divergências começaram à medida que Jung expandia as fronteiras da psicologia para além do âmbito estritamente sexual, adicionando conceitos como o inconsciente coletivo e os arquétipos. A conferência de Munique em 1913 marcou a ruptura definitiva, com Jung seguindo seu próprio caminho na psicologia analítica.

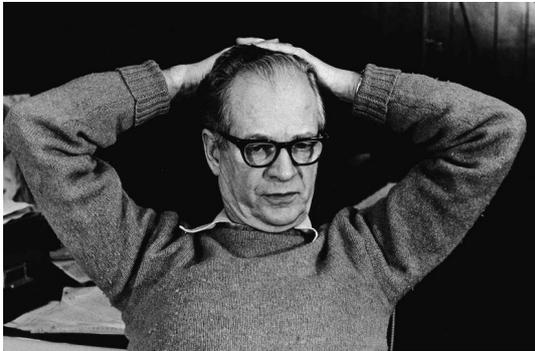
Jung, apesar de ter sido aluno de Freud, elaborou uma nova perspectiva à psicologia com suas teorias do inconsciente coletivo, dos arquétipos e da individuação. O inconsciente coletivo é uma camada profunda da mente, compartilhada por toda a humanidade, que contém memórias e padrões de comportamento herdados de nossos ancestrais. Já os arquétipos são imagens e símbolos universais emergentes desse inconsciente coletivo, como o Herói, a Mãezona e o Sábio, que influenciam nossas experiências e comportamentos de maneira relevante. A individuação, por sua vez, é o processo de integração e harmonização desses diversos aspectos da psique, conduzindo ao desenvolvimento de um eu autêntico e completo. Essas teorias ajudam a explicar padrões

universais de comportamento, aspirações, medos e motivações, promovendo uma compreensão mais profunda e autêntica do comportamento humano.

Na psicoterapia, as teorias de Jung são amplamente aplicadas para promover o autoconhecimento e a cura emocional. Terapeutas junguianos utilizam a análise de sonhos, símbolos e padrões arquetípicos para ajudar os pacientes a explorar os aspectos conscientes e inconscientes de suas personalidades (STEIN, 2006, p. 81). Essa exploração facilita a individuação, permitindo que os indivíduos integrem diferentes partes de si mesmos, amenizando conflitos mentais e promovendo uma conduta mais equilibrada e autêntica (STEIN, 2006, p. 84). O domínio desses conceitos e o desenvolvimento de suas capacidades permitem os pacientes solucionarem problemas emocionais, melhorarem a resiliência e construir relacionamentos mais saudáveis e significativos.

c) Burrhus Frederic Skinner (1904-1990)

Burrhus Frederic Skinner foi um renomado psicólogo americano, amplamente reconhecido como o principal proponente do behaviorismo radical. Skinner desenvolveu conceitos fundamentais que transformaram a psicologia experimental e a prática da psicoterapia, deixando um legado que transborda para áreas como educação e análise



comportamental aplicada (TEIXEIRA, 2010).

Nascido em Susquehanna, Pensilvânia, Skinner, estudou na Hamilton College, onde inicialmente se interessou por literatura e escrita, mas depois decidiu seguir a psicologia. Obteve seu doutorado na Universidade de Harvard, onde começou a desenvolver suas ideias sobre o comportamento

humano. Passou grande parte de sua carreira acadêmica em Harvard, liderando pesquisas disruptivas e lecionando. Foi influenciado pelo trabalho de John B. Watson e Ivan Pavlov, o que lhe permitiu expandir essas ideias ao introduzir novos conceitos e métodos que inovaram no campo da psicologia.

Skinner propôs que as consequências moldam o comportamento, por meio do conceito de condicionamento operante. Com reforços positivos ou negativos, o comportamento pode ser aumentado ou diminuído, proporcionando uma estrutura inovadora para a análise e modificação do comportamento (SKINNER, 1938, p. 6). Ele distinguiu entre reforço positivo - que introduz um estímulo agradável -, e reforço negativo - que remove um estímulo aversivo -, dando primazia aos métodos de reforço por serem mais eficazes a longo

prazo (SKINNER, 1953, p. 21). Além disso, Skinner desenvolveu “a caixa de Skinner”, um dispositivo experimental para estudar o comportamento operante em animais, fornecendo percepções valiosas sobre os princípios do comportamento humano e animal (BJORK, 1993, p. 2). Suas descobertas foram amplamente aplicadas em diversas áreas. Na psicoterapia, técnicas de modificação de comportamento baseadas no condicionamento operante são usadas para tratar problemas como fobias, vícios e transtornos do espectro autista. Na educação, suas teorias levaram ao desenvolvimento de instrução programada e outros métodos de ensino que enfatizam o reforço para melhorar a aprendizagem (SKINNER, 1968, p. 126).

d) Jean Piaget (1896-1980)

Jean Piaget foi um psicólogo suíço, reconhecido por sua pesquisa no desenvolvimento infantil. Iniciou sua carreira acadêmica muito jovem, publicando seu primeiro artigo científico sobre moluscos aos 10 anos de idade. Ele estudou na Universidade de Neuchâtel, onde obteve seu doutorado em biologia. Posteriormente, Piaget se interessou pela psicologia e filosofia,



mudando seu foco para a investigação de como o conhecimento é desenvolvido (PIAGET, 1973).

Consagrado por sua teoria do desenvolvimento cognitivo, Piaget sugere que as crianças passam por uma série de etapas ou estágios de desenvolvimento mental ao longo de seu crescimento (Piaget, 1986, p. 22). Etapas tais, fundamentais para entender como as crianças concebem e dialogam com o mundo ao seu redor.

No Estágio Sensório-Motor, que vai do nascimento até aproximadamente os dois anos de idade, os bebês assimilam sobre o mundo de forma sensorial. Nesse período, eles desenvolvem a noção de permanência do objeto, ou seja, a compreensão de que os objetos continuam a existir mesmo quando não estão visíveis.

Entre os dois e sete anos, no Estágio Pré-Operacional, as crianças começam a utilizar a linguagem para descobrir e compreender o mundo. Esse estágio é caracterizado pelo pensamento egocêntrico, no qual a criança tem dificuldade em entender as coisas de perspectivas diferentes das suas próprias. Ademais, elas ainda não conseguem realizar operações mentais lógicas complexas.

O Estágio das Operações Concretas ocorre aproximadamente entre os sete e onze anos. É o início do pensamento lógico sobre eventos concretos. As crianças começam a

compreender conceitos de conservação, reversibilidade e classificação, demonstrando a capacidade de realizar operações mentais sobre objetos físicos.

Aos doze anos é o Estágio das Operações Formais. Nele emerge a capacidade de pensar de forma abstrata e lógica. Os adolescentes desenvolvem a habilidade de criar hipóteses, e ainda, deduzir e planejar soluções sistemáticas para problemas (Piaget, 1986)

Piaget acreditava que a educação deveria se concentrar no desenvolvimento de habilidades de pensamento crítico e na descoberta guiada, em contrapartida da mera memorização de fatos. Suas teorias intervieram de forma contundente na forma como os educadores abordam o ensino e a aprendizagem, promovendo métodos que incentivam a exploração ativa e a construção do conhecimento. Em sua obra sobre epistemologia genética, ele discorre sobre a gênese e o desenvolvimento do conhecimento humano (PIAGET, 2010, p. 22). Cabe destacar nesta obra que o conhecimento não é algo inato, mas sim construído por meio da interação do indivíduo com o ambiente no qual se está inserido. Essa interação leva a um processo dinâmico e contínuo de assimilação e acomodação, no qual o sujeito incorpora novas informações ao seu esquema mental existente e o adapta para acomodar novas experiências (PIAGET, 2010, p. 122).

e) Lev Vygotsky (1896-1934)

Vygotsky viveu e trabalhou durante um período turbulento na história da Rússia, testemunhando eventos como a Revolução Russa e a ascensão do regime comunista. Ele estudou direito na Universidade de Moscou, mas logo desenvolveu interesse pela psicologia e pela pedagogia. Foi influenciado por teóricos como Marx e Freud, contudo, buscou integrar



ideias da filosofia, linguística e neurociência em sua abordagem psicológica (VYGOTSKY, 1978). O conceito primordial na teoria de Vygotsky é o da mediação sociocultural. Ele argumentava que o desenvolvimento cognitivo ocorre por meio da interação entre o indivíduo e seu ambiente social e cultural (VYGOTSKY, 1978, p. 90). As crianças, dizia ele, internalizam os conhecimentos e as práticas de sua cultura por meio da interação com os pais, os professores e outros membros da comunidade. Essa internalização é facilitada por ferramentas culturais, como linguagem,

símbolos e artefatos, que mediam a relação entre o indivíduo e o mundo. (VYGOTSKY, 1978, p. 57).

Outro conceito importante é o da zona de desenvolvimento proximal (ZDP). Ele a definiu como o afastamento entre o nível de desenvolvimento real de uma criança e seu potencial de desenvolvimento, sendo este último determinado pela capacidade de encontrar soluções com o apoio de um adulto ou de um par mais capaz (VYGOTSKY, 1978, p. 86). A ZDP é, portanto, o espaço onde ocorre a aprendizagem significativa, representando aquilo que a criança é capaz de aprender com o apoio de outros (VYGOTSKY, 1978, p. 89).

Diante do exposto, pode-se inferir a gama de perspectivas e possibilidades de se abordar a atitude, o comportamento, a construção do conhecimento e de que forma este último influencia em ambos anteriores a fim de moldá-los, ou influenciá-los, ou ainda, mudá-los – no todo ou em parte. Entender esses aspectos humanos e situacionais vai permitir que esta pesquisa se restrinja a investigar de forma profícua a importância das OpPsc no contexto da Segunda Grande Guerra.

Cabe destacar, sumariamente, todos os fatores dos autores descritos acima. Freud asseverava que pensamentos, sentimentos e motivações estão fora da nossa consciência e podem afetar significativamente nosso comportamento. Em outras palavras, existem processos mentais que influenciam o comportamento humano, que podem, ou não, ser conhecidos pelo indivíduo, contudo, quando enredados, permitem um autoconhecimento tal que faculte uma possibilidade de domínio, embora esse domínio, muito provavelmente, não será completo. Fala ainda que existem etapas psicosexuais que podem influenciar comportamentos tais, que perdurem por toda vida adulta do indivíduo.

Já Jung, elaborou o conceito de inconsciente coletivo, a teoria dos arquétipos e a individuação, constituindo-se, respectivamente, em memórias compartilhadas por toda humanidade que moldam o comportamento, símbolos que emergem desses pensamentos e o último, a forma como esses dois conceitos se relaciona com cada ser.

Skinner, um dos principais teóricos do behaviorismo, desenvolveu conceitos fundamentais sobre como o comportamento é moldado e modificado, sendo o condicionamento operante e a forma como ele influencia a mudança do comportamento, os mais relevantes a serem citados aqui. O condicionamento operante é o entendimento de o quanto as consequências de um tipo de comportamento podem moldá-lo. Estas consequências se classificam em reforço, consequência que aumenta a probabilidade de um comportamento se repetir, e a punição, consequência que diminui a probabilidade de um comportamento se

repetir. A aplicação sistemática dessas técnicas pode aumentar ou diminuir certo tipo de comportamento.

O suíço, Piaget, prescreve que o conhecimento é construído pela interação do indivíduo com o ambiente no qual se está inserido. Tal interação culmina num processo de assimilação e acomodação, no qual o sujeito incorpora novas informações ao seu cabedal psíquico e o adapta para acomodar novas experiências.

Por fim, o soviético, Vygotsky, semelhantemente a Piaget, entende que o conhecimento é construído pela interação do indivíduo com o ambiente, todavia foca no processo de internalização, o qual é facilitado por ferramentas culturais, como linguagem, símbolos e artefatos, que mediam a relação entre o indivíduo e o mundo.

1.2. Contexto histórico

Com o intuito de se fazer o recorte temporal deste trabalho acadêmico, qual seja, a Segunda Grande Guerra, foi aqui observado o período de 1918 a 1945, muito embora esse não seja o período da guerra em tela. Se assim é, por qual motivo utilizar este limite cronológico? O fato é que não se podem abordar questões do Sistema Internacional, principalmente no velho continente europeu, sem que se ao menos cite fatos que clarifiquem certas situações e tornem inteligíveis as riquezas de seus detalhes. E ainda, por mais que se tente estabelecer limites temporais, é inevitável expor acontecimentos que extrapolem o limite pretérito da Primeira Guerra Mundial. Destarte, ao menos *en passant*, se excederá tal recorte temporal.

O contexto histórico da Europa deve ser abordado por dois prismas que auxiliam um melhor entendimento, a primeira face deste prisma conduz a um olhar sob o aspecto da concepção das idéias, ou do *zeitgeist* europeu. Os pensamentos filosóficos do iluminismo, do idealismo alemão, do utilitarismo, do marxismo, do positivismo e ainda, do existencialismo, moldaram as mentes que encabeçaram os grandes eventos da época. Nada acontece sem que antes os intelectuais tenham, ao menos, comentado. A segunda face deste prisma enfoca o material, os fatos, a história em si sem interferências ideológicas (CARR, 1961, p 34). E esta é um desencadear de acontecimentos que se remetem, para se estabelecer um início, à formação do Estado moderno, às grandes navegações e à revolução industrial. A concentração de poder proporcionada pela gênese do Estado absolutista, as riquezas obtidas por meio das grandes navegações e, por fim, a produção em larga escala das indústrias. Estes fatos aliados às ambições políticas de líderes estatais desencadearam vários conflitos cujos desdobramentos foram sem precedentes.

1.2.1. Pré – Primeira Guerra Mundial

O Congresso de Viena (1814-1815) Redesenhou o mapa da Europa, restaurando muitas monarquias criando um equilíbrio de poder destinado a prevenir futuras guerras generalizadas (KISSINGER, 2012, p. 22). Como resultados das conquistas napoleônicas foram espalhados os ideais de igualdade, cidadania e as reformas legais do Código Napoleônico por toda a Europa, influenciando futuros movimentos nacionalistas e liberais. Porém, à França, não foram impostos grandes sanções indenizatórias, visto que a culpa recaía, principalmente, sobre os ombros de Bonaparte.

O resultado da era napoleônica culminou na “Primavera dos Povos”, evento marcado pelas revoluções de 1848, no qual ocorreu uma série de levantes, devido ao surgimento da classe burguesa e seu acúmulo de riquezas, às crises econômicas, à falta de representação política dessa classe, e ainda, ao nacionalismo despertado nos povos da Europa central e oriental, que abalaram as monarquias da Europa e em especial a Alemã.

Desde então, a Europa central nunca mais seria a mesma. Especialmente com o sentimento germânico que se espriava sobre a Europa central (BLACKBOURN, 1998. p. 239). Até que, sobre a liderança de Otton Von Bismarck, o povo germânico é reunido sob a nação Prussiana, a custo de habilidade diplomática e uma política que ficou conhecida como “sangue e ferro” para unificação dos alemães. Nessa época, a Alemanha obteve significativo crescimento econômico e rápida industrialização, transformando-a em potência européia. E como o nome sugere “sangue e ferro”, eclodiram algumas guerras: Áustria-Prussiana e Franco-Prussiana, por exemplo. Em 1890, Bismarck é demitido por *Wilhelm II*, o qual assume uma política externa mais agressiva, com intuítos imperialistas, conhecida como *Weltpolitik*, (do alemão, Política Mundial), em substituição à *Realpolitik*, de Bismarck. Até que *Wilhelm II* tenta estender seus domínios à região que futuramente se denominaria “Lebensraum” e ao Oriente Médio. A este tempo, as relações com o Império Russo foram rompidas, sendo uma das causas a preocupação russa com a construção da ferrovia Berlim-Bagdá.

Figura 6 – O Congresso de Berlim (Sessão Final) de Anton von Werner



¹ German History in Documents and images, 2024

Em 1882, formou-se, então a Tríplice Aliança com o intuito de proteger os seus membros (Alemanha, Áustria-Hungria e Itália) da França, que em 1894, formaria uma aliança com a Rússia a fim de contrabalançar a Tríplice Aliança e proteger os interesses de ambos os países contra ameaças da Alemanha e Áustria-Hungria. Em 1904, a França se une ao Reino Unido numa denominada Entente *Cordiale*, visando obter cooperação diplomática e militar, o que culminou, em 1907, na formação da Tríplice Entente (França, Rússia e Reino Unido). O assassinato do Arquiduque Francisco Ferdinando, em 1914, foi mero pretexto de um barril de pólvora que estava prestes a explodir.

O Império Austro-Húngaro era composto por diversos grupos étnicos e nacionais, muitos dos quais buscavam maior autonomia ou independência. Os Sérvios (eslavos como os russos), eram numerosos na Bósnia e Herzegovina, e ainda, diversos nacionalistas sérvios e bósnios desejavam a independência desses territórios do controle austro-húngaro e sua integração com a Sérvia. A organização nacionalista sérvia "Mão Negra" (*Crna Ruka*) planejou o assassinato do Arquiduque como parte de sua luta pela independência e unificação eslava. Ao visitar Sarajevo, capital da Bósnia e Herzegovina, Gavrilo Princip (19 anos) atirou no Arquiduque e sua esposa quando o carro deles fez uma parada inesperada na rua. Ambos morreram pouco depois dos ferimentos. (DOSENRODE, 2018, p. 48)

¹ Ver em: <https://germanhistorydocs.org/en/forging-an-empire-bismarckian-germany-1866-1890/anton-von-werner-the-berlin-congress-1878-der-berliner-kongress-1878-1881>

Figura 7 - O arquiduque Ferdinand e sua esposa embarcando pouco antes de seu assassinato em Sarajevo



² Deutsche Welle, 2016

A Áustria-Hungria, com o apoio da Alemanha, emitiu um ultimato à Sérvia com exigências extremas, sabendo que seria difícil para a Sérvia aceitar todas as condições. Quando a Sérvia não aceitou todas as demandas, a Áustria-Hungria declarou guerra à Sérvia em 28 de julho de 1914, desencadeando uma série de mobilizações e declarações de guerra devido ao sistema de alianças. Este conflito local rapidamente escalou, envolvendo as principais potências europeias e iniciando a Primeira Guerra Mundial.

1.2.2. A Primeira Guerra Mundial

A 1ª Guerra Mundial ou Primeira Grande Guerra é assim denominada por que todas as grandes potências mundiais estavam envolvidas. Conforme já mencionado, seu início se deu em 28 de junho de 1914, com o assassinato do Arquiduque Ferdinando da Áustria e sua esposa, em Sarajevo. Mas este foi apenas o início episódico, desdobrando-se na declaração de guerra da Áustria-Hungria à Sérvia. Posteriormente, a Rússia mobilizou suas forças em apoio à Sérvia, o que levou a Alemanha a declarar guerra à Rússia e, seguindo-se, à França. A invasão alemã da Bélgica trouxe o Reino Unido para a guerra contra a Alemanha.

Após a invasão alemã da Bélgica em agosto de 1914, que violou a neutralidade belga e levou o Reino Unido a entrar na guerra, as forças alemãs avançaram rapidamente em direção à França. O plano *Schlieffen*, concebido para evitar uma guerra em duas frentes, previa um rápido ataque através da Bélgica e Luxemburgo para derrotar a França antes de virar para o leste contra a Rússia (DOSENRODE, 2018, p. 53). No entanto, o avanço alemão foi contido

² Ver em: <https://www.dw.com/pt-br/1914-atentado-que-deflagrou-a-1%C2%AA-guerra-mundial/a-584424>

pela ofensiva aliada na Primeira Batalha do Marne, em setembro de 1914, que resultou na estabilização das linhas de frente.

Após a Batalha do Marne, ambas as partes tentaram flanquear a outra em uma série de manobras conhecidas como a "Corrida para o Mar" (Dosenrode, 2018, p. 66). Isso levou à construção de uma complexa rede de trincheiras que se estendeu por centenas de quilômetros. A guerra de trincheiras resultou em um impasse sangrento, onde os soldados enfrentaram condições horríveis, incluindo lama, ratos, doenças e constante ameaça de morte por artilharia, franco-atiradores e ataques com gás.

As principais batalhas foram:

- a) **Batalha de Verdun (1916):** Uma das batalhas mais longas e devastadoras da guerra, Verdun foi travada entre fevereiro e dezembro de 1916. Os alemães lançaram uma ofensiva para "sangrar a França até a morte", resultando em enormes baixas para ambos os lados, com pouca mudança territorial;
- b) **Batalha do Somme (1916):** Lançada pelos britânicos e franceses para aliviar a pressão sobre *Verdun*, a Batalha do *Somme* começou em julho de 1916. A batalha é notória pela carnificina do primeiro dia, com os britânicos sofrendo cerca de 60.000 baixas. A batalha continuou até novembro, resultando em mais de um milhão de baixas combinadas, novamente com ganhos territoriais limitados; e
- c) **Batalha de Passchendaele (1917):** Também conhecida como a Terceira Batalha de *Ypres*, esta ofensiva aliada começou em julho de 1917 e foi marcada por condições extremamente lamacentas e perdas terríveis. Apesar dos esforços heróicos, os ganhos foram mínimos e o custo humano foi imenso.

Figura 8 - Infantaria australiana com máscaras de gás de respirador de caixa pequena, Ypres, SET1917.



³ History Maps, 2022

A Frente Ocidental foi um campo de teste para novas tecnologias e táticas de guerra. O uso de metralhadoras, artilharia pesada, tanques, aviões e gás venenoso transformou a guerra em um conflito industrializado de escala e letalidade sem precedentes. As táticas de infiltração e o uso coordenado de artilharia e infantaria foram desenvolvidas para romper as linhas inimigas, mas muitas vezes com alto custo.

O ano de 1918 viu uma série de ofensivas alemãs conhecidas como Ofensivas da Primavera, que inicialmente ganharam terreno significativo, mas foram finalmente contidas pelos Aliados, agora reforçados pelas tropas americanas. A contra-ofensiva dos Aliados, conhecida como a Ofensiva dos Cem Dias, começou em agosto de 1918 e gradualmente empurrou as forças alemãs de volta, culminando na rendição da Alemanha e o fim da guerra em 11 de novembro de 1918.

A Frente Ocidental deixou um legado duradouro de devastação física e psicológica. As paisagens da França e da Bélgica foram marcadas por crateras de bombas e trincheiras abandonadas, enquanto a geração que lutou e sofreu nas trincheiras ficou conhecida como a "Geração Perdida". As cicatrizes da guerra afetaram profundamente as nações envolvidas e prepararam o terreno para futuros conflitos, incluindo a Segunda Guerra Mundial.

Já na Frente Oriental, a Primeira Guerra Mundial foi um campo de batalha crucial entre, principalmente, os Impérios Alemão e Austro-Húngaro contra o Império Russo. Diferente da Frente Ocidental caracterizou-se por movimentos mais amplos e frequentes,

³ Ver em: <https://history-maps.com/pt/story/World-War-I/event/Battle-of-Passchendaele>

resultando em avanços e recuos significativos ao longo do conflito (STONE, 1975, p. 75). Neste *Front*, em 1914, a Rússia, em resposta ao conflito, mobilizou rapidamente suas forças para apoiar a Sérvia e atacou a Alemanha na Prússia Oriental, a qual respondeu de forma rápida e devastadora.

A Rússia estava em meio a uma série de crises revolucionárias durante a Primeira Guerra Mundial, culminando na Revolução Comunista Russa de 1917. A Rússia já enfrentava problemas significativos antes da Primeira Guerra Mundial, incluindo a insatisfação com o regime czarista, a pobreza generalizada e as más condições de trabalho. A guerra exacerbou essas tensões, resultando em enormes perdas de vidas e dificuldades econômicas (FIGES, 2011). Após a revolução de outubro de 1917 a Rússia mergulha numa guerra civil entre os bolcheviques (Vermelhos) e várias forças anti-bolcheviques (Branco), que incluíam monarquistas, socialistas moderados e nacionalistas. Até que em 1918 a Rússia se retira da Guerra. Sua guerra civil durou até 1922 e resultou na vitória dos bolcheviques e na criação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

Algumas batalhas do *front* oriental dignas de serem citadas:

- a) **Batalha de Tannenberg (1914):** Em agosto de 1914, sob o comando dos generais *Paul von Hindenburg* e *Erich Ludendorff*, as forças alemãs esmagaram o Segundo Exército Russo em Tannenberg, na Prússia oriental. Essa vitória elevou o moral alemão e consolidou *Hindenburg* e *Ludendorff* como líderes militares de destaque;
- b) **Batalha dos Lagos Masurianos (1914):** Seguindo o sucesso em Tannenberg, os alemães continuaram pressionando os russos, obtendo outra vitória significativa na Batalha dos Lagos Masurianos, em setembro de 1914;
- c) **Campanhas Austro-Húngaras e Russas:** Enquanto os alemães enfrentavam os russos no norte, o Império Austro-Húngaro enfrentava desafios significativos contra as forças russas e sérvias no sul;
- d) **Campanhas na Galícia:** No início da guerra, os austríacos sofreram pesadas derrotas nas batalhas na Galícia, uma região que fazia parte do Império Austro-Húngaro (atualmente parte da Polônia e da Ucrânia). Os russos obtiveram sucessos iniciais, ocupando grandes áreas da Galícia; e
- e) **Ofensiva Brusilov (1916):** Uma das ofensivas mais devastadoras da guerra, a Ofensiva *Brusilov*, lançada pelo General *Alexei Brusilov* em junho de 1916, resultou em grandes avanços russos e pesadas baixas para as forças austro-

húngaras e alemãs. Foi uma das operações mais bem-sucedidas da Rússia durante a guerra, quase destruindo as linhas austro-húngaras.

A guerra na Frente Oriental teve consequências devastadoras. Milhões de soldados e civis morreram, e a destruição foi hercúlea. A derrota e a retirada da Rússia resultaram em mudanças territoriais e políticas significativas, incluindo a independência de várias nações da Europa Oriental e a formação da União Soviética. Além disso, a saída da Rússia permitiu que a Alemanha transferisse forças para a Frente Ocidental, intensificando os combates naquela região. No entanto, o desgaste das forças alemãs e a entrada dos Estados Unidos na guerra ajudaram a selar o destino da Alemanha no final de 1918.

O conflito chegou ao fim com a assinatura do Armistício de Compiègne, em 11 de novembro de 1918, que marcou o cessar-fogo entre as partes envolvidas. Pode-se enumerar como fatores que conduziram ao fim da guerra a Exaustão dos Recursos das potências centrais, especialmente a Alemanha, as quais enfrentaram graves dificuldades econômicas e falta de recursos, exacerbadas pelo bloqueio naval imposto pelos Aliados, a entrada dos Estados Unidos na guerra em 1917, dando um impulso significativo aos Aliados, fornecendo recursos, tropas e moral renovada, e ainda, as revoltas e instabilidades políticas em vários países, incluindo a Revolução Russa de 1917, que resultou na retirada da Rússia do conflito e na criação da União Soviética. (KEEGAN, 1998, p. 306).

1.2.3. O entre guerras

Com o término da Primeira Guerra Mundial em 1918, o cenário global sofreu transformações significativas. A derrota dos Impérios Centrais - Alemanha, Áustria-Hungria, Império Otomano e Bulgária -, pelas Forças Aliadas, que incluíam Reino Unido, França, Rússia e Estados Unidos, levou à assinatura do Tratado de Versalhes em 1919. Esse tratado impôs duras penalidades à Alemanha, como a perda de territórios, restrições militares e pesadas indenizações financeiras, fomentando um profundo ressentimento e desejo de revanche entre os alemães (KEYNES, 1919, p. 89).

O período entre as duas guerras foi marcado por grande instabilidade política e econômica. A Grande Depressão de 1929 agravou as dificuldades econômicas, resultando em altos índices de desemprego e pobreza. Esse cenário de crise foi terreno fértil para o surgimento de regimes autoritários e totalitários, como o Nazismo na Alemanha e o Fascismo na Itália (PAXTON, 2004, p. 78).

Diversas alianças e pactos foram estabelecidos nesse período. A Alemanha, sob a liderança de Adolf Hitler, formou o Eixo com a Itália de Benito Mussolini e o Japão. Por

outro lado, potências democráticas como Reino Unido e França adotaram inicialmente políticas de apaziguamento, evitando o confronto direto com a Alemanha nazista (TAYLOR, 1961, p. 112).

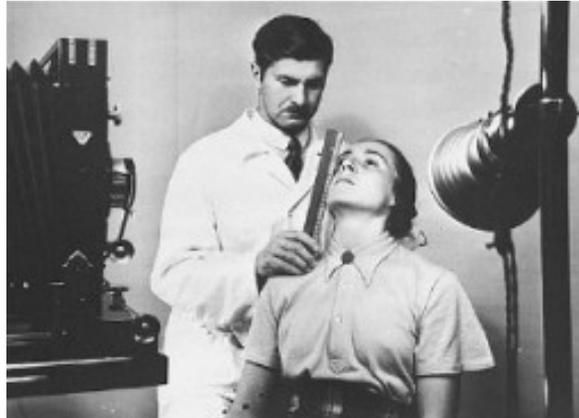
A Alemanha foi o país mais penalizado do pós 1ª Guerra, no Tratado de Versalhes. As muitas mortes, o esforço da economia de guerra, a escassez de alimentos somados à crise de 1929, transformaram a Alemanha num país miserável. Nesse cenário de caos, instabilidades políticas e sociais surgiram movimentos extremistas de cunho nacionalistas, uns de cunho comunistas, outros fascistas. Um desses movimentos foi o nazismo, criado por Anton Drexler, fundador do Partido dos Trabalhadores Alemães, o *Deutsche Arbeiterpartei* (DAP), o qual foi o antecedente do Partido Nazista, o *Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei* (NSDAP), ambos, aguçados pela ideologia *Völkisch*. Ele enfatiza a importância da ideia de *Volk* como uma comunidade orgânica e espiritual, enraizada na terra e nas tradições ancestrais. O nacionalismo étnico e o romantismo rural são abordados como elementos centrais nesta ideologia (MOSSE, 1999, p. 3-5). Adolf Hitler, cabo veterano de guerra e então desempregado, foi recrutado novamente pelo exército alemão para espionar o DAP de Drexler. Contudo, ele se identificou com o discurso anticomunista, anti-semita e pan-germânico daquele partido, tendo se juntado oficialmente ao partido em 1919. Em 1921, Hitler já era o líder do partido, tendo expulsado o fundador, Anton Drexler. Nesta época a República de Weimar, era considerada um governo fantoche que concordava com as pesadas indenizações requeridas principalmente pela França. O Partido Nazista se apresentava como uma boa solução para todos os problemas da Alemanha. Somado a isso, Hitler atacava, fisicamente, seus adversários políticos por meio da *Sturmabteilung* (SA) – braço armado do partido. Dessa forma, no campo político alemão só restava o partido extremista Nazi para se opor à República de Weimar. Em julho de 1932 o partido de Hitler conquistou a maioria dos assentos no *Reichstag* – Parlamento Alemão – e em janeiro de 1933 se tornou chanceler Adolf Hitler. (MANVELL e FRAENKEL, 2012, p. 128). Após a morte do presidente Paul von Hindenburg, em agosto de 1934, Hitler - por meio de uma espécie de golpe - toma o cargo de presidente, com a criação da figura do *Fuher* ou líder, do alemão. Era o início da ditadura nazista. Desde então, o tratado de Versalhes foi sendo rasgado aos poucos: A Renânia foi remilitarizada, aumentou-se o número de soldados do exército, rearmou-o, investiu pesadamente na indústria bélica, construiu aviões, blindados e armamentos. Em 1934 a Alemanha já possuía instrumentos de guerra suficientes para iniciá-la novamente. Em 1936, os alemães enviam aviões e blindados para a guerra civil espanhola a fim de testar seus meios de guerra. Em março de 1938 iniciou sua primeira investida imperialista anexando a Áustria.

Em setembro deste mesmo ano, ingleses e franceses concordam com a anexação dos Sudetos na Tchecoslováquia (região repleta de alemães) por meio do acordo de Munique, no qual Hitler se compromete em parar sua sanha imperialista. Em março de 1939, Hitler ordena a anexação de todo Estado Tcheco, sob fortes protestos dos franceses e ingleses, porém sem maiores respostas. Fato que ficou conhecido como política do apaziguamento – que objetivava a não irritação de Adolf Hitler para não deflagrar outra guerra no continente europeu. O efeito, porém, foi o contrário. Hitler constatou a fraca diplomacia deles e invadiu a Polônia, em 1939, a fim de consolidar o *Lebensraum*, espaço vital para Alemanha prover seus insumos para um crescimento significativo. Antes disso fez um pacto, com a URSS, de não agressão, para quando invadissem a Polônia. E em 1º de setembro de 1939, com a invasão da Polônia, é dado início à Segunda Guerra Mundial na Europa.

1.2.4. A 2ª Guerra Mundial

A Segunda Guerra Mundial, ou Segunda Grande Guerra é assim denominada por conta de ter envolvido a maioria das grandes nações do mundo e, em especial, por envolver todas as potências mundiais da época. Conforme já mencionado, seu início se deu com a invasão da Polônia pelo exército nazista alemão, em 1º de setembro de 1938. Essa ação resultou na declaração de guerra por parte do Reino Unido e da França contra a Alemanha, marcando o começo de um conflito que se estenderia até 1945 e deixaria profundas marcas na humanidade, mormente, nos judeus. O pensamento dominante na Alemanha da época era que o país estava, justamente, buscando reparações e reerguimento do injusto Tratado de Versalhes, pós primeira guerra, imposto principalmente por franceses e ingleses (inimigo externo), e ainda, buscando restaurar as raízes do que seria o pensamento *Völkisch* que pode ser caracterizado por um profundo sentimento de identidade nacional, muitas vezes combinado com elementos raciais e étnicos, dentre os quais pode-se citar o misticismo, o ocultismo, o pan-germanismo e o antisemitismo.

Figura 9 - No "Instituto Kaiser Wilhelm de Antropologia, Genética Humana e Eugenia" um "higienista" racial mede os traços fisionômicos de uma mulher com o objetivo de determinar sua origem racial. Berlim, Alemanha. Foto de data incerta.



⁴Enciclopédia do Holocausto, 2022

Por esses motivos, é importante saber que aos olhos do vulgo da população, muitas vezes mergulhada em miséria e vergonha, o que acontecia ali não o causava temor, o que ao cabo, o destino final daqueles que não eram considerados arianos, dita raça pura e superior germânica, seriam câmaras de gases tóxicos, fornos de cremação em massa, experiências científicas esdrúxulas, campos de concentração, morte e escravidão. (REES, 2005, p. 13)

Nesta guerra, foi uma das poucas vezes em que os estados nacionais entraram em estado de guerra total. Os principais envolvidos dedicaram toda sua capacidade econômica, industrial e científica a serviço dos esforços de guerra, deixando de lado a distinção entre recursos civis e militares, estabelecendo o que se conhece por economia de guerra ou mobilização econômica (MILWARD, 1977, p. 30). Marcado por um número significativo de ataques contra civis, incluindo o maior deles, o *Shoá* (do hebraico שואה) comumente conhecido como Holocausto, e ainda, a única vez em que armas nucleares foram utilizadas em combate. Foi o conflito mais letal da história da humanidade, resultando entre cinquenta a setenta milhões de mortos.⁵

Antes da declaração de guerra da França e Inglaterra, de 1936 a 1939 ocorreu a guerra civil espanhola, momento e local importantes para os testes de equipamentos bélicos nazistas. Em 1937, o Japão, aliados dos alemães, invadem a China, em busca de expandir seu território

⁴ Ver em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/photo/kaiser-wilhelm-institute-for-anthropology-human-genetics-and-eugenics>

⁵ Ver em: <https://necrometrics.com/20c5m.htm#Second>

para garantia de recursos naturais para o império japonês. Cabe destacar também que antes de invadir a Polônia, a Alemanha fez o pacto Molotov-Ribbentrop, pacto este, de não agressão e de divisão de territórios poloneses entre URSS e Alemanha. Outro fato importante foi o acordo comercial em fevereiro de 1940, nos termos do qual os soviéticos receberiam equipamento militar e industrial alemão, em troca de fornecimento de matérias-primas para a Alemanha a fim de tentar contornar o bloqueio aliado. Em abril de 1940, em busca de recursos minerais, houve a invasão da Noruega e Dinamarca, que logo foram conquistadas pelo exército nazista e sua tática de *Blitzkrieg*, ou guerra relâmpago, que se tratava do deslocamento massivo dos blindados alemães num formato de flecha, com apoio aéreo e tomada de decisão altamente descentralizada, dando mais flexibilidade e iniciativa aos oficiais alemães, os quais desferiam ataques que sobrepujavam devido à sua ação de choque (fogo, mobilidade e proteção blindada).

Dada essa nova tática de emprego em massa dos blindados, nunca vista antes, foi questão de tempo para os nazistas conquistarem a França, a Bélgica, os Países Baixos e Luxemburgo. Na França, com um desbordamento da Linha Maginot francesa e infiltração blindada pelas Ardenas, os nazistas conquistam o País e o General Charles de Gaulle, foge para a Grã-Bretanha estabelecendo o movimento França Livre com o apoio de Winston Churchill. A Inglaterra, nas batalhas em território francês teve que fazer uma retirada das praias em Dunquerque e para isso foram convocados todas as pequenas embarcações inglesas para resgatar os militares encurralados naquelas praias, o que foi concluído heroicamente.

Tendo conquistado a França, Hitler inicia uma investida de conquista à Inglaterra, que só foi frustrada pela incapacidade de seus caças, os quais não possuíam combustível suficiente para ter sucesso nas missões. Aliado a isso, os ingleses tinham acabado de desenvolver o radar, equipamento este largamente usado, fazendo com que os ingleses tivessem maior consciência situacional do campo de batalha (Canal da Mancha) e sabendo previamente de onde os aviões alemães partiam, facilitando seus abates. No oceano Atlântico, longas batalhas navais eram travadas visto que os Estados Unidos enviavam, via marítima, seus recursos bélicos em apoio aos aliados. Os U-boats alemães desferiram grandes ataques às embarcações de todas bandeiras, o que só foi amenizado pelo emprego dos comboios navais e apoio aéreo anti-submarino.⁶

⁶ Ver em: <https://horizontehistorico.com.br/a-guerra-submarina-lobos-do-mar-e-a-marinha-de-superficie/>

Figura 10 - Foto rara, dos submarinos alemães U-530 e U-977 ao lado da Ilha Fiscal, a caminho dos Estados Unidos, em setembro de 1945.



⁷ Poder Naval, 2019

Em junho de 1941, Hitler, num golpe traiçoeiro, mas esperado pelos soviéticos, invade a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, antes seu aliado. A Operação *Barbarossa*, como foi denominada. A intenção de Hitler, que a esta época, acompanhava as campanhas pessoalmente, era chegar à Moscou o mais breve possível, como ocorreu na França, porém os longos campos soviéticos de solo marcado por densas lamas, e a resistência do exército vermelho atrasaram esse intento. Stalin, numa manobra cinematográfica, leva todo seu parque industrial, por trem, para a região dos Urais (cadeia montanhosa no centro da Rússia) e de lá, com ajuda financeira dos EUA, ele desenvolve sua indústria bélica que criou armas poderosas e importantes para a vitória soviética, tais como o Katyusha (lançador de foguetes) e o Carro de combate T-34, considerado um dos melhores da Segunda Grande Guerra. ⁸

⁷ Ver em: <https://www.naval.com.br/blog/2019/02/25/foto-submarinos-alemaes-u-530-e-u-977-no-rio-de-janeiro-em-1945/>

⁸ Ver em: <https://vermelho.org.br/2016/12/12/a-reindustrializacao-forcada-pela-guerra-na-uniao-sovietica/>

Figura 11 – Operação Barbarossa



⁹ Dailymotion, 2023

Com três Corpos de Exércitos, um ao norte para conquistar Leningrado, onde ocorreu um cerco, sem sucesso; um ao centro para conquistar Moscou, rechaçado pela resistência do Exército Vermelho e as dificuldades logísticas alemãs; e um ao sul para conquistar a Ucrânia, visando seus recursos logísticos, principalmente alimentos, frente esta que obteve êxito, contudo essas forças foram desviadas para o Cáucaso, local de riquezas petrolíferas, seguindo para Stalingrado onde foi derrotado por um movimento de pinça planejado pelo general *Georgy Zhukov*. Nesta operação foram capturados, aproximadamente, 250.000 soldados alemães.¹⁰ A partir dessas batalhas, inicia-se o declínio nazista.

Em 6 de junho de 1944, em atendimento a um pedido soviético de abrir nova frente para dividir as forças alemãs, a Operação *Overlord*, comandada pelo General *Dwight D. Eisenhower*, nomeado Comandante Supremo das Forças Expedicionárias Aliadas, encarregado de liderar a invasão às praias francesas, onde os Aliados reuniram uma vasta força multinacional para a invasão, composta por tropas dos Estados Unidos, Reino Unido, Canadá e várias outras nações. A operação envolveu uma complexa coordenação de forças terrestres, navais e aéreas, das quais cabe destacar:

- a) Forças Terrestres: Cerca de 156.000 soldados desembarcaram na Normandia no Dia D, divididos em cinco praias codinomeadas: Utah, Omaha, Gold, Juno e Sword (AMBROSE, 1994, p. 170).

⁹ Ver em: <https://www.dailymotion.com/video/x8hv5fr>

¹⁰ Ver em: <https://www.institutobuzios.org.br/batalha-de-stalingrado-ha-80-anos-o-inicio-do-fim-do-terror-nazista/>

- b) Forças Navais: A invasão foi precedida por um bombardeio naval maciço para enfraquecer as defesas alemãs nas praias. Mais de 5.000 embarcações foram usadas na operação.
- c) Forças Aéreas: Antes do desembarque, cerca de 13.000 aviões aliados realizaram bombardeios e lançamentos de paraquedistas atrás das linhas inimigas para cortar comunicações e reforços (RYAN, 1959, p. 108).

Figura 12 – Desembarque da Normandia



¹¹ Wikipedia, 2020

Embora este trabalho esteja focado no Teatro de Guerra Europeu, na Segunda Grande Guerra houve vários outros de igual relevância, quiçá, maior. As batalhas ocorreram no norte da África, no mar Mediterrâneo, no Oriente Médio, no Oceano Pacífico e em suas ilhas, e no Oceano Atlântico. Batalhas terrestres, batalhas aéreas e batalhas navais.

Após as investidas da URSS à leste, tendo estes conquistado Berlim e dos Aliados, após o desembarque da Normandia à oeste, Hitler, em 30 de abril de 1945, no Führerbunker em Berlim, após se casar com Eva Braun, se suicida com um tiro na cabeça. Eva, ingeriu cianeto. Antes de suicidar-se, Hitler nomeia Karl Dönitz como o novo Presidente do Reich e Supremo Comandante das Forças Armadas. Dönitz era o comandante da Marinha Alemã e um dos poucos líderes militares ainda leais a Hitler. E como Chanceler do Reich, nomeia Joseph Goebbles, este, porém, se suicida juntamente com sua esposa, em 1º de maio de 1945, após assassinar seus seis filhos.

¹¹ https://pt.wikipedia.org/wiki/Desembarques_da_Normandia

2. DEFINIÇÕES E TRAJETÓRIA DAS OPERAÇÕES PSICOLÓGICAS

2.1. Inteligência Militar, Operações de Informações e Operações Psicológicas e outras definições

Para que se tenha o pontual entendimento sobre o conteúdo deste estudo, é de fundamental importância a distinção entre os conceitos desta seção, sendo estes, por vezes, confundidos nos meios civis e militares.

Segundo o glossário das Forças Armadas, MD35-G-01, encontrado no site do Ministério da Defesa, Inteligência Militar é:

INTELIGÊNCIA MILITAR - É a atividade técnica-militar especializada exercida em caráter permanente, que visa a produzir conhecimentos para apoiar o planejamento e o processo decisório dos comandantes (em qualquer nível hierárquico) e de seus Estados-Maiores, bem como proteger conhecimentos sensíveis sobre a tropas amigas, impedindo seu acesso pela Inteligência oponente/adversa.

A atividade de inteligência militar é, portanto, voltado para a produção de conhecimentos de apoio à decisão e assessoramento ao comando em campanhas militares, conhecimentos estes obtidos em tempo de paz ou de guerra.

As Operações de Informação, segundo o MD35-G-01:

OPERAÇÕES DE INFORMAÇÃO - Ações coordenadas que concorrem para a consecução de objetivos políticos e militares. Executadas com o propósito de influenciar um oponente real ou potencial, diminuindo sua combatividade, coesão interna e externa e capacidade de tomada de decisão. Atuam sobre os campos cognitivo, informacional e físico da informação do oponente, e, também, sobre os processos e os sistemas nos quais elas trafegam, ao mesmo tempo em que procuram proteger forças amigas e os respectivos processos e sistemas de tomada de decisão.

As Operações de Informação (OpInfo) pressupõem uma dimensão informacional do ambiente operacional, um Público-Alvo a ser influenciado e uma narrativa, semelhante aos elementos da comunicação, emissor, mensagem e receptor. As OpInfo são empregadas com o intuito de obter vantagens na dimensão informacional ao passo que as tecnologias militares tradicionais visam obter vantagens no ambiente operacional.

Para a condução das OpInfo as Forças militares devem ser capazes de possuir certas aptidões requeridas para afetar a capacidade dos oponentes ou potenciais adversários de orientar, obter, produzir e/ou difundir informações, em qualquer uma das três perspectivas da dimensão informacional (física, cognitiva ou lógica), isto é, deter as Capacidades Relacionadas à Informação (CRI). As CRI são composta por:

1. Comunicação Social
2. Operações Psicológicas
3. Guerra Eletrônica
4. Guerra Cibernética
5. Inteligência
6. Assuntos Civis
7. Outros Recursos (Dissimulação, por exemplo)

Como ponto principal desta seção, segue a definição chave objeto deste estudo, ou seja, a definição das Operações Psicológicas, conforme o MD35-G-01:

OPERAÇÕES PSICOLÓGICAS - 1. Operações que incluem as ações psicológicas e a guerra psicológica e compreendem ações políticas, militares, econômicas e psicossociais planejadas e conduzidas para criar em grupos - inimigos, hostis, neutros ou amigos - emoções, atitudes ou comportamentos favoráveis à consecução de objetivos nacionais. 2. Procedimentos técnico-especializados, operacionalizados de forma sistematizada para apoiar a conquista de objetivos políticos ou militares e desenvolvidos antes, durante e após o emprego da força, visando a motivar públicos-alvo amigos, neutros ou hostis a atingir comportamentos desejáveis.

Cabe salientar, que o conceito aplicado às Forças Armadas é o de número 2, tendo em vista a possibilidade de seu emprego, e a possível consecução de operações militares em caso de emprego, após definidos os objetivos políticos no documento de mais alto nível, a Política Nacional de Defesa (PND), de onde se extraem os Objetivos Nacionais de Defesa (OND).

Vale diferenciá-la das ações psicológicas, contida no mesmo manual:

AÇÃO PSICOLÓGICA - Atividade destinada a fortalecer o moral de grupos amigos e a influenciar os demais públicos-alvo, gerando emoções, atitudes ou comportamentos favoráveis à consecução de objetivos específicos.

Também não se pode confundir OpPsc com dissimulação tática, de conceito a seguir, contido no glossário das FFAA:

DISSIMULAÇÃO TÁTICA - Conjunto de medidas e ações que procuram iludir o inimigo a respeito de determinada situação ou planos táticos, com o propósito de conduzi-lo a reagir de modo vantajoso para a manobra adversa.

Adicionalmente, pode ser que se confunda OpPsc com Propaganda, largamente empregada pelo regime nazista, de conceito corrente:

PROPAGANDA - Difusão de qualquer informação, ideia, doutrina ou apelo especial, visando a influenciar opiniões, gerar emoções, provocar atitudes ou dirigir o comportamento de indivíduos ou grupos sociais, a fim de beneficiar, direta ou indiretamente, quem a promoveu.

Embora este último conceito seja o mais próximo, das OpPsc, a propaganda diverge daquelas devido seus procedimentos técnicos-especializados ao passo que propaganda é apenas a difusão da ideia, doutrina ou apelo. Pode ocorrer que uma ação psicológica seja uma propaganda, contudo, seria apenas uma ação dentro de uma gama de outras ações que compunha a OpPsc. Outra diferença pontual é a finalidade. As OpPsc visam o apoio da “conquista de objetivos políticos ou militares e desenvolvidos antes, durante e após o emprego da força”, ou seja, existe a delimitação do fim: apoiar a conquista de objetivos políticos e militares; e a delimitação temporal “desenvolvidos antes, durante e após o emprego da força”. Portanto tem de ser, necessariamente, no contexto do emprego militar, ainda que o objetivo seja político (vinculado a um final militar).

Estas definições são importantes para diferenciação e conceituação do que seja uma Operação Psicológica. Em suma, para ser uma OpPsc deve ser, necessariamente:

1. **Um procedimento técnico-especializado:** procedimentos, geralmente, executados por profissionais que possuem treinamento e competência especializada. São utilizados para alcançar resultados precisos e de alta qualidade em tarefas complexas ou muito específicas;
2. **Operacionalizados de forma sistematizada:** envolve padronizar processos, estabelecer regras e diretrizes, e garantir que todas as ações sejam realizadas de acordo com um plano previamente definido;
3. **Apoiar a conquista de objetivos políticos ou militares:** Um objetivo militar é uma meta específica que as FFAA procuram alcançar durante uma operação militar. Este objetivo é definido em termos claros e precisos, com base em uma estratégia geral, e é projetado para contribuir para o sucesso de uma missão ou campanha militar mais ampla; e
4. **Desenvolvidos antes, durante e após o emprego da força:** Esses procedimentos podem ser realizados a qualquer tempo, mas nunca fora do contexto militar.
5. **Visando a motivar públicos-alvo amigos, neutros ou hostis a atingir comportamentos desejáveis:** Aqui pode-se constatar três variáveis. Primeiro a operação tem de gerar uma motivação, que segundo o Mesquita, Raúl e Duarte, Fernanda, no Dicionário de Psicologia é:

Motivação: Conjunto de processos psicológicos e fisiológicos que levam um indivíduo a agir, isto é, a desencadear uma ação, a orientá-lo em função de certos objectivos. Representa o aspecto dinâmico da acção que, considerada no seu âmbito mais geral, é susceptível de influenciar o comportamento em múltiplos contextos da vida humana (familiar, profissional, escolar) e qualquer tipo de actividade [realização de necessidades primárias (homeostasia), estabelecimento e manutenção de laços afectivos, reconhecimento social, etc.].

A segunda é que a operação deve selecionar um público-alvo. Este pode ser amigos, neutros ou hostis, o qual, segundo o manual de Campanha de Operações de Informação, 2ª Edição, de 2019 do Exército Brasileiro, é:

Públicos-alvo (Pub A) – indivíduos ou os grupos selecionados para a influência.

Como terceiro e último requisito é que o Público-alvo deve atingir comportamentos desejáveis. Este requisito é o mais difícil de mensurar dada a necessidade de fatos, na maioria das vezes não documentados, que comprovem a devida eficácia.

2.2. Gênese e desenvolvimento das Operações Psicológicas

As Ações Psicológicas em conflitos são empregadas há milênios, conforme os registros históricos apontam. O Manual de Operações Psicológicas (OpPsc) da Marinha do Brasil descreve assim o que seria a primeira Ação Psicológica:

A História revela que as ações psicológicas têm sido empregadas, de fato, desde as mais remotas épocas, quando o homem começou a se comunicar. O mais antigo emprego clássico, do qual se tem notícia, parece ter sido o da tomada da cidade de Aratta pelo Rei Enmerkar, 3.000 anos antes de Cristo. Querendo para si a cidade vizinha, bastante rica, Enmerkar enviou ministros com a proposta autoritária de que a cidade lhe fosse entregue voluntariamente para, assim, evitar a guerra e o derramamento de sangue. Rejeitada essa “investida diplomática”, infiltrou em Aratta diversos espiões que informavam das desavenças locais e da euforia geral daquela sociedade nunca ameaçada. Preparou então uma equipe de agitadores/sabotadores, com ordens de relatar para o povo como seria ainda mais feliz sob seu reinado e como terríveis e numerosas eram as forças sob seu comando. Ao mesmo tempo, interceptava as caravanas de suprimento que demandavam a cidade, envenenava os poços, praticava o assassinato seletivo de todo aquele que conseguisse perceber sua intenção, enquanto ampliava as naturais desavenças no governo local. Seu pequeno exército exercitava-se e desfilava, continuamente, demonstrando sua força ao Público-Alvo (Pub A), que começava a sofrer as penúrias do bloqueio. Quando Aratta estava quase à míngua, enviou-lhe 1.000 camelos com presentes, alimentos e água, a serem distribuídos diretamente ao povo pelos agitadores/sabotadores, que se revelaram, então, enviados de Enmerkar, apontado como a única salvação possível. O próprio povo fez com que seu Rei se rendesse, sem combate.¹²

Embora essa ação, anteriormente citada, seja a mais antiga registrada, há uma mais significativa que pela astúcia empregada, por seu planejamento, e o seu resultado obtido exatamente conforme planejado, pode ser considerada a mais importante e a primeira

¹² CGCFN 1-6 - MANUAL DE OPERAÇÕES PSICOLÓGICAS DE FUZILEIROS NAVAI, 1a Edição - RES

Operação Psicológica de fato. A história do Hebreu Gideão (ou Gideon do hebraico גדעון) é considerada muito importante em virtude do seu caráter estritamente militar. Tanto assim é que o Exército Brasileiro adotou, no seu brevê de Operações Psicológicas tocha que referencia a história narrada por Flávio Josefo (ou *Yosef ben Mattityahu* do hebraico מתתיהו בן יוסף) historiador hebreu com cidadania romana, do primeiro século. Assim descreve Flávio Josefo, em sua obra *A História dos Hebreus*, p. 220:

Deus apareceu em sonhos a Gideão e disse-lhe que, por serem os homens tão fátuos, querendo atribuir a si mesmos e às próprias forças as suas vitórias, em vez de considerá-las resultado do auxílio que Ele lhes prestava, queria fazê-los reconhecer que deviam tudo a Ele. E assim, ordenou-lhe que levasse o exército à margem do Jordão no momento do calor mais forte do dia e só considerasse valorosos os que se abaixassem para beber comodamente e que considerasse covardes os que bebessem a água apressadamente, pois seria um sinal do medo que sentiam do inimigo. Gideão obedeceu e encontrou apenas trezentos que tomaram a água levando-a à boca com a mão, sem pressa alguma.

Deus ordenou-lhe, em seguida, que atacasse os inimigos à noite com esse pequeno número. E, notando agitação no seu espírito, acrescentou, para tranquilizá-lo, que tomasse um dos seus e com ele se aproximasse mansamente do acampamento dos midianitas, para observar o que se passava. Ele executou a ordem e quando estava próximo das tendas ouviu um soldado narrar ao companheiro um sonho que tivera. Dizia ele: "Vi um pedaço de massa de farinha de cevada que não merecia ser recolhida, e a pasta, rolando por todo o acampamento, derrubou a tenda do rei e depois todas as outras". "Esse sonho", respondeu-lhe o companheiro, "pressagia a ruína completa do nosso exército, por esta razão: a cevada é o menor de todos os grãos, e, como não há agora em toda a Ásia nação mais desprezível que a dos israelitas, ela pode ser comparada à cevada. Vós sabeis que eles reuniram as suas tropas e têm algum empreendimento em vista, comandados por Gideão. Por isso temo muito que esse pedaço de massa que vistes derrubar todas as tendas seja um sinal de que Deus quer que Gideão triunfe sobre nós".

Essas palavras encheram Gideão de esperanças. Ele transmitiu-as aos seus e ordenou-lhes que se armassem todos. Fizeram-no com alegria, pois tão feliz pres-ságio os levava a tudo empreender. Mais ou menos na quarta vigília da noite, Gideão separou os homens em três grupos de cem cada um. E, para surpreender os inimigos, ordenou-lhes que cada qual levasse

na mão esquerda um vaso com uma tocha acesa dentro, e na direita, em vez da trompa, uma buzina de chifre.

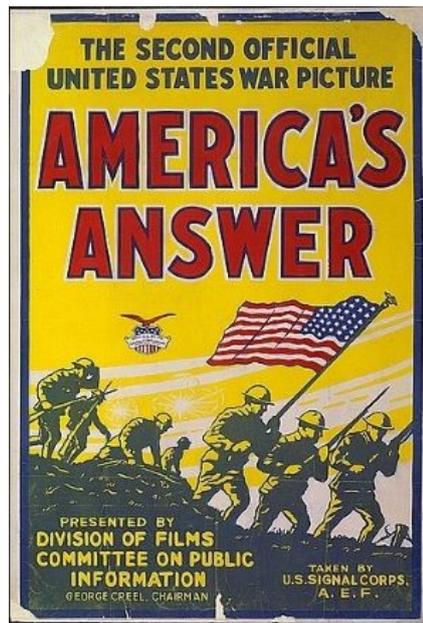
O acampamento dos inimigos era muito extenso, por causa dos camelos, e, embora as tropas fossem separadas por nação, achavam-se encerradas num mesmo recinto. Quando os israelitas se aproximaram, segundo a ordem de Gideão, fizeram soar todos ao mesmo tempo as buzinas de chifre de carneiro, quebraram os vasos e entraram no acampamento com grandes gritos, de archote na mão, firmemente convictos de que Deus lhes daria a vitória. Estando ainda os inimigos meio adormecidos, a escuridão da noite e principalmente o auxílio de Deus causaram-lhes tal terror e confusão no espírito que mais foram mortos por eles mesmos do que pelos israelitas, pois, sendo o exército tão numeroso e composto por povos diversos a falar línguas diferentes e estando todos tão aterrorizados, tomaram-se eles mesmos por inimigos, atacando-se mutuamente.

Logo que outros israelitas souberam dessa vitória tão marcante, tomaram armas para perseguir os inimigos e alcançaram-nos em lugares onde as águas que lhes cercavam a passagem os obrigaram a parar. Houve então uma carnificina inaudita. Os reis Orebe e Zeebe estavam entre os mortos.

Essa, portanto, é considerada a gênese das Operações Psicológicas, que ao longo do tempo se desenvolve por outras mídias, mas o princípio continua, qual seja, fazer com que o inimigo, no campo de batalha tenha sua percepção alterada por uma série de procedimentos que sobrepujam sua capacidade cognitiva, dando, ao contendor que os emprega, uma vantagem que contribua para a conquista dos objetivos militares.

Na Primeira Guerra Mundial, o Comitê de Informação Pública (CPI), conhecido como Comitê *Creel*, foi uma agência do governo dos Estados Unidos que funcionou de 1917 a 1919. Sua meta era influenciar a opinião pública sobre a participação dos EUA na Guerra. A agência foi responsável por projetar e implementar uma variedade de esforços propagandísticos americanos para aumentar o apoio público à guerra, tanto em casa quanto no exterior. O CPI é creditado como o primeiro exemplo de uso em larga escala de propaganda pelo governo dos EUA.

Figura 13 – folder do CPI



¹³ Study.com, 2023

Já na Segunda Grande Guerra, a propaganda foi amplamente utilizada por ambos os blocos contendores. O partido nazista recorreu a essa técnica para chegar ao poder e durante a guerra a empregou em larga escala, tendo em vista a não divulgação dos seus atos mais obscuros e a divulgação de uma narrativa repleta de frases de efeito nacionalistas que eram muito adequadas aos ouvidos germânicos carentes de esperança. Joseph Goebbels foi o ministro da propaganda nazista que se utilizou dos instrumentos de propaganda disponíveis – a imprensa popular, o rádio, o filme, o alto-falante e as apresentações em massa para difundir as macabras ideias nazistas (MANVELL e FRAENKEL, 2012, p. 14).

¹³ Ver em: <https://study.com/academy/lesson/creel-committee-overview-history.html>

Figura 14 – Cartazes do eugenismo nazista



¹⁴ A Comuna Revista de Crítica Social, 2020

No campo de batalha, Aliados e Eixo se enfrentavam também no campo informacional, panfletos eram lançados por aeronaves com mensagens desestimuladoras a fim de fazerem os militares oponentes enfraquecerem emocionalmente e desistirem de lutar. Além de panfletos, usava-se cartazes, transmissão de rádios e o cinema.

Figura 15– Cartazes dos Aliados



¹⁵ Boston Rare Maps

¹⁴ Ver em: <https://acomunarevista.org/2022/04/18/cartazes-do-eugenismo-nazista- os-instrumentos-que-fortaleceram-a-ideologia-1934-1944/>

¹⁵ Ver em: <https://bostonraremaps.com/inventory/wwii-aerial-propaganda-leaflets/>

3. ANÁLISE

3.1. Operações de Informação na Segunda Guerra Mundial

No Teatro de Operações europeu, durante a Segunda Grande Guerra, como já mencionado, ocorreram diversas operações no campo da informação. A priori, diversas Operações do campo da informação poderiam ser classificadas como Operações Psicológicas, tais como: Operação Fortitude, Operação *Mincemeat*, Operação *Cornflakes*, Operação *Bodyguard*, Operação *Sauerkraut*, principalmente. Contudo, há uma necessidade de verificar se seus limites eram o campo informacional a fim de gerar desinformação e causar o que disse Clausewitz, a névoa da guerra ou atuar de forma mais profunda, no cognitivo do oponente, fazendo com que este viesse a mudar o entendimento, e por conseguinte, o comportamento, seja do decisor, do Oficial encarregado do planejamento ou de suas tropas.

Buscando-se uma verificação de mensuração da contribuição e da eficácia das Operações Psicológicas, foram selecionadas uma operação de cada bloco, aliados e eixo, com base na aproximação conceitual abordada neste trabalho, evitando-se, assim, as operações que de pronto, já se percebe a ausência do caráter psicológico e sua aproximação do caráter informacional. Portanto, foram selecionadas as Operações: *Mincemeat* dos ingleses e *Bernhard* dos alemães, devido à existência de fontes bibliográficas que amparem este estudo. Serão verificados, entretanto, os requisitos anteriormente citados que compõem a definição de Operações Psicológicas e seus requisitos com o intuito de se verificar se foram devidamente atendidos pelas operações elencadas e, por conseguinte, sua devida classificação como Operação Psicológica, ou ainda, sua negativa.

3.2. Operação *Mincemeat*

Com o intuito de acelerar a derrota alemã no continente africano e aliviar a pressão que os soviéticos estavam sofrendo na Europa, os aliados desferiram a Operação *Torch*, que se tratava de uma ofensiva aliada no norte da África abrindo-se, desta forma, um novo *front* para as tropas do *Afrika Korps* alemão, dissipando suas forças. Não se havia definido como seria um possível desembarque no continente europeu, via mediterrâneo, conforme relata o Capitão de Fragata Ewen Montagu, em seu livro “O homem que nunca existiu”:

Antes do desencadeamento da invasão da África do Norte os aliados não tinham qualquer objetivo provável no continente europeu. Quanto à África, a guerra resumia-se a uma campanha no sentido de leste para oeste, com nossas forças baseadas na zona do canal de Suez. Em face

desta situação, não havia motivo que impedisse os aliados de desfechar um ataque em qualquer lugar. Dentro das hipóteses que os alemães formulariam, poderíamos desembarcar na Noruega, nos Países Baixos ou na França, ou tentar avançar através da Espanha; poderíamos conquistar as ilhas Canárias e os Açores, para ampliar a guerra contra os submarinos; ou poderíamos desembarcar na Líbia para atacar Rommel pela retaguarda.

Após a conquista do norte da África, era óbvio que os aliados iriam abordar a Europa pelo sul, seja pelo sul da França, pela Itália ou ainda pela Grécia. Certo estava que o Mediterrâneo era um outro Teatro de Operações que deveria ser utilizado. Para se chegar a esta decisão, foram levantados os possíveis locais de desembarque das tropas aliadas. (MONTAGU, 1978, p. 6) Os possíveis foram a Sardenha, a Sicília e os Balcãs. Os Alemães criam, como esperado, que a invasão seria pela Sicília, pois esta ilha italiana é de estratégica importância no mediterrâneo. Os ingleses entenderam que independente de onde fosse o desembarque das forças aliadas, a Sicília deveria ser conquistada antes, visto que dela se pode apoiar a entrada do mediterrâneo com fogos e aviação. Para isso, foi planejada a Operação *Husky* a qual projetou em terra, em 9 de julho de 1943, por desembarque anfíbio e paraquedistas o 8º Exército britânico, sob o comando do Marechal de Campo Bernard Law Montgomery, à sudeste da ilha, enquanto o 7º Exército dos EUA, sob comando do General George S. Patton, desembarcou na costa sul da ilha. Em três dias, 150 mil soldados aliados estavam em terra na ilha siciliana.¹⁶

Contudo, para que esse desembarque obtivesse sucesso, era necessária uma operação de desinformação quanto ao real local de desembarque, visto que Hitler seria capaz de reforçar as linhas de defesas italianas. Essa Operação de desinformação foi batizada de Operação *Barclay*. Esta tinha o propósito de enganar o alto comando nazista quanto ao desembarque na Sicília, conduzindo-os a acreditar que o desembarque seria nos Balcãs. Muitos falsos indícios foram forjados, tais como falsas movimentações de tropas, tráfego fictício de rádio, recrutamento de intérpretes gregos, aquisição de mapas da Grécia e a plantação de documentos falsos por meio da Operação *Mincemeat*.¹⁷

A Operação *Mincemeat*, idealizada pelo Tenente aviador da Royal Air Force (RAF) Charles Cholmondeley e liderada pelo Capitão de Fragata da Royal Navy Ewen Montagu, foi uma Operação de apoio a Operação de Desinformação *Barclay*. A ideia, a princípio

¹⁶ Ver em: <https://www.terra.com.br/noticias/1943-aliados-desembarcam-na-sicilia,22e8994f2ac0c63562f7a8e0c3e6148boy19ajep.html>

¹⁷ Ver em: https://historiamilitaremdebate.com.br/a-operacao-barclay-e-o-falso-exercito-britanico-na-segunda-guerra-mundial/#google_vignette

esdrúxula, era de lançar um cadáver (que viria a ser o Major Fuzileiro Naval William) de um suposto oficial inglês, com documentos secretos e cartas de generais, de um avião na costa da Espanha – país aliado, mas não declarado, da Alemanha –, repleta de espões alemães, a fim de ser “recebido” pelos espões espanhóis e alemães para compor uma narrativa que levaria ao Estado maior alemão reforçar a região dos Bálcãs, no lugar da Sicília, como local de desembarque aliado. (MONTAGU, 1978, p. 9)

Apesar das grandes dificuldades para manter o sigilo da operação, para obter um cadáver, para obter autorização dos familiares para seu emprego na guerra e para a consecução do plano, visto que esta narrativa teria que enganar os espões espanhóis, os espões alemães, até o alto comando alemão, documentos do Estado-Maior nazista revelados no pós-guerra, publicados no livro “O homem que Nunca Existiu” de Ewen Montagu, revelaram que não somente o Estado-Maior nazista foi iludido, mas o próprio Hitler, que a este momento da guerra centralizava as grandes decisões de emprego do exército alemão, também decidiu por empregar os reforços defensivos nos Bálcãs, contribuindo, sobremaneira, para o sucesso do desembarque e conquista da Sicília e posteriormente, para a queda do regime fascista de Benito Mussolini, ditador italiano aliado de Adolf Hitler. (MONTAGU, 1978, p. 123)

Diante do exposto, cabe agora analisar a classificação da Operação *Mincemeat* se ela se encaixa no formato conceitual de uma Operação Psicológica, se ela foi eficaz e se ela contribuiu para o sucesso da Operação Militar apoiada. Para isso, devemos considerar a atitude do Estado-Maior alemão de onde partem os assessoramentos para a decisão de um comandante, neste caso como foi comprovada a decisão partiu do próprio Adolf Hitler. Cabe destacar que a Operação *Husky* teve início em 9 julho de 1943, após à Batalha de Stalingrado, ocorrida de 17 de julho de 1942 a 2 de fevereiro de 1943, importante ponto de inflexão para as tropas nazistas. A Atitude, portanto, do Estado-Maior alemão e de Hitler era de frustração devido à derrota em Stalingrado. Sua consciência situacional era perturbada pelo sabor amargo da derrota, que há muito ele não o sentia. O comportamento (medido pelo resultado, ao pelas ordens emanadas) foram de precipitação e aderência à narrativa criada pelo Setor 5 de Inteligência Militar da *Royal Navy*. Isto posto, fica provada a eficácia e a contribuição exitosa da Operação *Mincemeat* para a Operação Militar *Husky*, visto que houve, de fato, o despistamento do real local de desembarque inglês e este efetivou a conquista da Sicília. Resta, agora, analisar se a Operação *Mincemeat* pode ser classificada como uma Operação Psicológica. (MONTAGU, 1978, p. 123)

A fim de facilitar a comparação com o padrão, segue novamente a definição de Operações Psicológicas conforme o MD35-G-01:

OPERAÇÕES PSICOLÓGICAS - 1. Operações que incluem as ações psicológicas e a guerra psicológica e compreendem ações políticas, militares, econômicas e psicossociais planejadas e conduzidas para criar em grupos - inimigos, hostis, neutros ou amigos - emoções, atitudes ou comportamentos favoráveis à consecução de objetivos nacionais. 2. Procedimentos técnico-especializados, operacionalizados de forma sistematizada para apoiar a conquista de objetivos políticos ou militares e desenvolvidos antes, durante e após o emprego da força, visando a motivar públicos-alvo amigos, neutros ou hostis a atingir comportamentos desejáveis.

a) Tendo como parâmetro a definição primeira, pode-se verificar:

A Operação *Mincemeat* foi uma Operação Militar conduzida para criar, no entendimento do Estado-Maior alemão (inimigo), a percepção, por conseguinte o assessoramento / decisão (comportamento) que haveria um desembarque anfíbio nos Bálcãs, o qual seria favorável ao objetivo nacional inglês.

b) Tendo como parâmetro a segunda definição, observa-se:

A Operação *Mincemeat* foi composta por procedimentos de inteligência, médico legista e peritos em cartas e documentos. Esta foi operacionalizada de forma sistematizada, com um complexo histórico de fatos cronológicos, para apoiar uma Operação Militar à qual fazia parte - Operação *Husky* - desenvolvida no contexto da Segunda Guerra Mundial, e visou a motivar o Estado-Maior alemão (Público-Alvo) a assessorar o emprego do esforço defensivo na região dos Bálcãs e não na Sicília (comportamento desejável).

Como se pode observar, a Operação *Mincemeat*, pelo que se tem documentado nas fontes citadas, se enquadra em todo rol dos requisitos da definição de uma Operação Psicológica, podendo ser, assertivamente, denominada como tal. Quais foram os pressupostos psicológicos abrangidos nessa operação? De fato, para se entender as bases teóricas psicológicas utilizadas necessitaria de se aprofundar este estudo a um nível de saber detalhes da vidas de todos os envolvidos para se entender o que poderia estar passando na mente de cada um para terem crido de fato que as informações dissimuladas tivessem uma aparência de verdade, ou de o quanto essa verdade colaria na realidade dos fatos. Por óbvio, pode-se especular aqui as crenças do espião alemão ao passar as informações ao escalão superior, todavia não caberia num trabalho acadêmico. O seu interesse poderia ser de necessidade de

mostrar que estava fazendo um bom trabalho – a fim de justificar sua necessidade funcional – até o de estar envolvido numa trama contra o regime nazista e conspirar contra Hitler. Por fim, esse nível de detalhe fica inviável tratar neste trabalho.

3.3. Operação *Bernhard*

Para se entender o que foi esta operação é necessário abordar o contexto das circunstâncias que resultam da guerra, principalmente o conceito de guerra total que, segundo DALL'AGNOL e DORNELLES JR, é:

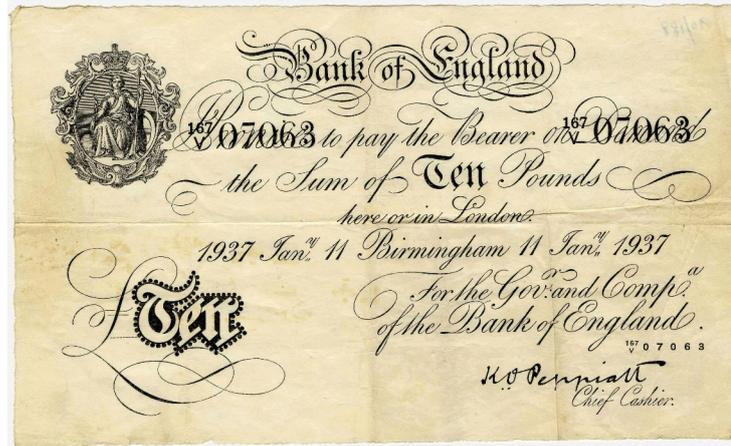
A guerra total é aqui interpretada como a disseminação do impacto da guerra e da mobilização de toda a sociedade para o combate entre Estados. Neste sentido, Ludendorff (1941), Daudet (1918) e Guiomar (2004) entendem que o aparecimento da guerra total se dá primeiramente com as guerras napoleônicas, ainda que ela se consolide totalmente apenas com as grandes guerras do século XX. Além disso, os autores veem na 1ª Guerra Mundial o surgimento efetivo da guerra total devido, sobretudo, à fusão entre as Forças Armadas e a população.

A Segunda Grande Guerra se enquadra, de fato, no conceito de guerra total, tendo em vista os esforços de guerra praticados pelas sociedades dos países que se envolveram diretamente neste grande conflito. E devido este esforço da mobilização social para adaptar toda sua cadeia produtiva para um fim bélico, é natural que os preços dos demais produtos de consumo subam por conta do alto gasto estatal, este por vezes mais alto do que sua receita, sendo as principais soluções adotadas pelos Estados para atender a este fim: a senhoriagem (impressão de dinheiro) – muito empregada naquela época –, a emissão de títulos da dívida pública, e ainda, a aquisição de altos empréstimos internacionais. Todas essas medidas resultam na inflação, ou base monetária inflada, que segundo (MISES, 2010, p. 62) afeta com maior impacto os que têm contato com esse dinheiro impresso por último, já que a oferta de dinheiro no mercado aumenta e a quantidade de produtos ofertados no mercado não, basicamente é a lei da oferta e demanda.

Os nazistas já possuíam esse conhecimento, e com base nele, em 1940 foi iniciada a Operação *Andreas*, que foi rebatizada em 1942 para Operação *Bernhard*. Esta Operação tratava-se da ideia do Major da SS Friederich Bernhard Krueger, qual seja, falsificar libras esterlinas e lançar de aviões sob o território da Inglaterra, fazendo com que o excesso de

dinheiro (falso) circulante resultasse numa hiperinflação, que por sua vez, causaria um caos social e prejudicasse o esforço de guerra inglês.

Figura 16 – Nota de £ 10 do Banco da Inglaterra de 1937



¹⁸ Bank of England Museum

A SS conseguiu com sucesso copiar o padrão do papel moeda das libras, contudo não conseguiram decifrar o sistema de numeração, o que os obrigou a reutilizarem a numeração de notas verdadeiras, fato este que contribuiu para a detecção da primeira nota falsa no Banco Britânico em Marrocos, em 1943. ¹⁹

No campo de concentração de *Mauthasen*, o arquiteto da ideia dos campos de concentrações, a fim de aumentar em larga escala os assassinatos de judeus (que ao cabo totalizou mais de seis milhões deles), Reinhard Heydrich - o arquiteto do holocausto -, comandante da SS, encontrou Sali Smolianoff, um judeu pintor russo, nascido na Ucrânia, muito famoso pelos seus belíssimos quadros, foi naquele ambiente infernal que, reconhecido o pintor, posteriormente viria a ser obrigado a pintar quadros dos oficiais nazistas. Por este motivo, Smolianoff não foi morto na câmara de gás ou nos crematórios, já que todos os oficiais de *Mauthasen* queriam um quadro como o do seu comandante, Heydrich. ²⁰

Tempos depois, Sali (pseudônimo assinado em suas obras), foi conduzido para o campo de concentração de *Sachsenhausen*, local onde foi conduzido à presença de Adolf Hitler, pessoalmente, pelo Major Krueger. Ali, Hitler disse que ele fazia parte do plano para trabalhar na oficina de falsificação – conhecido como o plano que iria salvar a Alemanha – (AMARAL,

¹⁸ Ver em: <https://www.bankofengland.co.uk/museum/online-collections/blog/operation-bernhard>

¹⁹ Ver em: <https://www.bankofengland.co.uk/museum/online-collections/blog/operation-bernhard>

²⁰ Ver em: <https://www.margs.rs.gov.br/noticia/conversas-no-museu-aborda-a-vida-do-artista-e-falsario-salomon-smolianoff/>

2019, p. 121-122). Cabe ressaltar que Salomon Smolianoff já havia falsificado dinheiro antes, e havia sido preso, na Alemanha, por isso. Na ocasião, Sali falsificava dinheiro para “comprar” vidas judias que foram grandemente perseguidas na URSS, por ocasião da Revolução Comunista, e as levava para países do leste europeu, Alemanha e outros lugares, por barco, vindos pela Turquia (AMARAL, 2019, p. 46-49).

A operação foi detectada, após um espião alemão ser preso na Escócia portando grande quantidade de notas falsas, sendo as mais perfeitas que já se tinha notícia, conforme relata (AMARAL, 2019, p. 116). Frustrada a Operação, visto que a Grã-Bretanha já tinha conhecimento, Hitler decidiu não executar o lançamento das notas por aviões e as utilizou na compra de armas, pagamentos de espiões e pagamentos de dívidas com outros países. Logo, as notas Smolianoff, tomaram a Europa e o Oriente Médio. Este artista, de vida infame, mas de grande valor, viveu na Itália, após os aliados e soviéticos conquistarem a vitória, depois migrou para o Uruguai – onde sofreu perseguição pela própria comunidade judaica ao saber sua história – e de lá veio terminar sua vida no Brasil, em Porto Alegre, aonde veio a falecer.

Figura 17 – Cartão de entrada no Brasil de Sali Smolianoff expedido pelo Consulado Geral do Brasil em Montevideu em 1955

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL 4691
FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO
Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no porto de destino

Nome por extenso Sali Smolianoff Sporoschinskaja
Admitido em território nacional em caráter: Temporário.

Nos termos do art. 7-A do Dec. 7.967 de 1945
Lugar e data de nascimento Rússia, 26 / 3 / 1897
Nacionalidade Uruguia Legal Estado civil Casado
Filiação (nome do Pai e da Mãe) Isaak Smolianoff e Isabel Sporoschinskaja Profissão Pintor
Residência no país de origem Agustín Urbabey 1329-Maéu.

NOME	IDADE	SEXO

FILHOS MENORES DE 18 ANOS

Carteira de Identidade | 64740 expedido em 13-4-1955
Passaporte n.º: _____
pelo Ministério de R. Exteriores do Uruguai
visado sob n.º 4505

Consulado Geral do Brasil em MONTEVIDÉU, 22 de abril de 1955
Cônsul Geral

Sali Smolianoff
ASSINATURA DO PORTADOR

²¹ Smolianoff – O Cálice de um judeu

Cabe agora a análise da Operação *Bernhard* se ela possui os componentes da definição de uma Operação Psicológica. A fim de prover melhor visualização comparativa, segue-se, novamente a definição:

OPERAÇÕES PSICOLÓGICAS - 1. Operações que incluem as ações psicológicas e a guerra psicológica e compreendem ações políticas, militares, econômicas e psicossociais planejadas e conduzidas para criar em grupos - inimigos, hostis, neutros ou amigos - emoções, atitudes ou comportamentos favoráveis à consecução de objetivos nacionais. 2. Procedimentos técnico-especializados, operacionalizados de forma

²¹ Gravura da p. 158 do livro Smolianoff – O Cálice de um judeu.

sistematizada para apoiar a conquista de objetivos políticos ou militares e desenvolvidos antes, durante e após o emprego da força, visando a motivar públicos-alvo amigos, neutros ou hostis a atingir comportamentos desejáveis.

a) Baseando-se na primeira definição, constata-se:

A Operação *Bernhard* foi uma operação com a finalidade de falsificar notas de libras esterlinas e lançá-las de avião sobre as ilhas da Grã-Bretanha e causar caos social por meio da hiperinflação causada pelo excesso de dinheiro no mercado local. Destaca-se, portanto que a operação foi centrada numa ação econômica, para criar o comportamento na população da Grã-Bretanha (Público-Alvo) que viesse a ocasionar a quebra do mercado, por conseguinte o enfraquecimento das forças inglesas, contribuindo, por conseguinte, para o sucesso das forças nazistas.

b) Tendo por parâmetro a segunda definição, verifica-se:

A operação contou com mão-de-obra (artística) especializada, foi organizada de forma sistematizada, tendo em vista que Hitler, por meio da *Gestapo*, reuniu profissionais para copiar o papel moeda, depois, conseguiu artista falsários para copiar os padrões de segurança das notas de Libras Esterlinas, havia uma forma para lançamento das notas, e mesmo diante do insucesso, ainda chegou a ser largamente utilizadas para outros fins. A intenção desta operação era, sem dúvida, que contribuísse para o declínio (objetivo militar) das forças inglesas (forças hostis ao regime nazi-fascista), desenvolvida durante o período da Segunda Guerra, e com isto levar com que a população inglesa se comportasse de forma a quebrar a economia da Grã-Bretanha.

Devidamente verificado, por óbvio, constata-se que a Operação *Bernhard* possui todos os componentes de uma Operação Psicológica, pelo que foi exposto e por toda documentação existente sobre ela, podendo ser efetivamente classificada como uma Operação Psicológica. Tendo por base a teoria de Carl Jung, dos arquétipos e do inconsciente coletivo, pode-se identificar esses padrões teóricos no comportamento dos Oficiais nazistas, já que desejavam ter um quadro da sua imagem com o uniforme do exército, assim como de seu Fuher tinha vários retratos espalhados pelas repartições públicas alemãs. Na suas mentes pode-se inferir o desejo de manifestarem o orgulho *Völkisch* e a necessidade de se enxergarem na sua boa imagem, fazendo com que os conflitos internos éticos de estarem cometendo verdadeiras atrocidades fossem amenizados ao olharem para a imponência retratada nos quadros de

Smolianoff. Ou seja, o arquétipo do Fuher pairava sobre o inconsciente coletivo repleto de construções culturais que os poderiam levar a crer estar fazendo a coisa certa. Diretamente relacionado com a operação, os alemães ao pensarem nesta forma de abalar o inimigo, se basearam em sentimentos primários tais como a necessidade (já que em tempos de guerra a escassez faz com que pessoas desesperadas mudem seus comportamentos e ao ver dinheiro cair do céu, certamente, juntaria o dinheiro e o utilizaria, pouco importando se seria falso ou verdadeiro) e conceitos econômicos como de inflação, mercado, etc. Outro aspecto psicológico explorado e que se concretizou (já que a ideia de lançar as notas pelo avião não se concretizou) foi a confiança estabelecida entre espiões e fontes. O vínculo de confiança ou desconfiança é exarcebado neste tipo de relacionamento, visto que espiões, por vezes, se utilizam de pontos de vulnerabilidade da fonte para a chantagearem ou se beneficiarem de alguma forma, dando ao espião um controle da fonte por ameaças e vigarismos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As Operações Psicológicas, como visto anteriormente, são de grande valia para a contribuição do sucesso das Operações Militares, sejam elas ofensivas, defensivas, de informação ou de desinformação. Elas, atingindo, diretamente ou indiretamente, o cognitivo de um público-alvo, causam dilemas mentais fazendo com que o processo decisório oponente seja obscurecido com informações que, sendo reais ou não, conduzem os planos militares a empregos equivocados e, por conseguinte, a ações ineficazes.

Até o momento, a maior guerra já registrada, foi a Segunda Guerra Mundial, infelizmente, a ocasião da morte de mais de sessenta milhões de pessoas. Este conflito, por sua grande importância para o mundo em diversos aspectos é tema de incontáveis pesquisas de toda ordem. A presença forte de ideologias antagônicas, o liame histórico traçado de um passado repleto de outros conflitos, os ensinamentos estratégicos-militares e as narrativas esdrúxulas contidas nesse contexto leva o pesquisador a um campo rico em obras literárias e demasiadamente estudado, proporcionando, dessa forma, uma riqueza de dados que colaboram com este trabalho.

Como exposto anteriormente, as OpPsc foram bastante utilizadas pelos blocos contendores, fato este que proporcionou a preservação de um número incalculável de vidas, visto que, pelo dilema causado das OpPsc, os Comandantes responsáveis pelo emprego direto dos exércitos manobravam seus contingentes de acordo com as informações do campo de batalha, muitas vezes de forma equivocada visto que havia operadores de habilidades de influenciar o comportamento adversário e conduzi-los a estimativas errôneas.

Tomando por base a gênese das OpPsc – A estratégia empregada por Gideão contra os midianitas -, a arte de vencer o inimigo sem lutar (SUN TZU, 2006) é a mais eficaz visto que o custo desta vitória é o mais benéfico para ambos exércitos inimigos. As OpPsc proporcionam um número menor de baixas quando empregadas em ofensivas bélicas. A astúcia ensinada a Gideão, atualmente, ganhou uma sistematização e se tornou uma atividade técnica-especializada que gera bons resultados para quem as empregue, contribuindo para que haja menos mortes no campo de batalha e contribuindo com o sucesso de operações militares.

Embora empregada há tempos, as Operações Psicológicas, de fato, foi denominada de forma diferente ao longo de sua história. Sua atual denominação traz consigo uma carga de significado de “manipulação de pessoas” que transmite ao leitor equivocado que seus operadores podem conduzir pensamentos e condicionar mentes a certos pensamentos como em narrativas de livros ou filmes que de alguma forma tratam do assunto.

Como analisado neste trabalho as OpPsc são utilizadas dentro de um escopo militar com objetivos a influenciar comportamentos em prol das operações militares correntes e de certa forma poupar vidas civis inocentes dos efeitos do conflito armado. Não somente vidas civis, o sucesso de uma OpPsc se remete a ideia de Sun Tzu de vencer o inimigo sem o emprego deliberado da força e busca sobrepujar o oponente dentro do seu cognitivo, levando-o em último intento a não lutar.

O Teatro de Operações da Segunda Guerra Mundial foi, sem dúvida, um lugar de muitos aprendizados. Para o desenvolvimento das OpPsc, a guerra foi um interessante laboratório. Ambos os blocos contendores se utilizaram de técnicas de desinformação, ardis e manobras táticas com intuito de iludir o(s) exército(s) oponente(s). E quanto às OpPsc, pode-se afirmar que houve operações desse tipo na Segunda Grande Guerra? Por certo. Embora ainda não denominada dessa maneira, todos os componentes da denominação estavam presentes nas operações elencadas neste estudo. Elas, deveras, podem ser denominadas Operações Psicológicas. Quanto a sua eficácia, elas contribuíram para as operações nas quais estavam inseridas? A Operação *Mincemeat* foi uma Operação Psicológica dentro de uma Operação de desinformação que contribuía para uma Operação Anfíbia. Pela forma como foi planejada, conduzida e operacionalizada, esta ideia militar foi posta em prática e se figura como ícone das operações psicológicas modernas. A ousadia e a astúcia desvelada pelos oficiais ingleses e a exploração do cognitivo dos agentes de inteligência alemães e toda carga de sentimentos que possuíam, levou ao desfecho favorável e que sem sombra de dúvida pode-se afirmar sua contribuição para o processo de desinformação do Estado-Maior alemão. A Operação *Bernhard*, por sua vez, foi uma Operação Psicológica planejada para desequilibrar a economia inglesa, tendo como público-alvo a população da Grã-Bretanha, todavia teve seu fim primeiro frustrado já que o Estado-Maior aliado obteve o informe pela utilização das notas falsas por agentes de inteligência nazistas. Por esse motivo, acabou sendo desviada sua finalidade e o dinheiro falso foi utilizado para financiar espões, comprar armas e saudar dívidas alemãs com países da Europa. Apesar de ter sido malograda, a Operação *Bernhard* foi uma operação devidamente planejada para enfraquecer a sociedade inglesa e, por conseguinte, seus militares. A criatividade e o domínio dos conhecimentos econômicos denotam a capacidade inventiva e a competência alemã. O uso prematuro das notas falsas não impediram de terem sido utilizadas para outros fins, depois de descoberta a missão contra a economia inglesa.

Outro ponto de suma importância neste trabalho é a contextualização das Operações Psicológicas, já que sua finalidade é limitada dentro de um contexto militar. Não cabe, portanto, a acusação de utilização desta capacidade para outros fins, visto que existem

conhecimentos civis que se assemelham, porém, dentro de suas especificidades, como por exemplo a publicidade, o *marketing*, etc. Estes, desde muito empregados, focam na tentativa de convencer pessoas a comprarem certos produtos e a obter certos comportamentos benéficos à empresas e outras instituições. Já as OpPsc são, exclusivamente, empregadas num contexto estritamente militar, com fins que cooperam, direta ou indiretamente para objetivos militares, não comerciais, não políticos, não ideológicos, não filosóficos, etc.

Por fim, resta salientar que as OpPsc, assim como todas as técnicas, táticas e procedimentos militares, estão em constante evolução e aprimoramento para contribuir para a conquista de objetivos militares com o mínimo de perdas de vidas possível. A Especialização e otimização do seu emprego, certamente, será objeto de estudo de trabalhos futuros.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMBROSE, Stephen E. **D-Day: June 6, 1944: The Climactic Battle of World War II**. New York: Simon & Schuster, 1994.

AMARAL, Magaly da Costa. **Smolianoff – O Cálice de um judeu**. Porto Alegre: Kaijuu Editora, 2019.

BJORK, Daniel W. **B.F. Skinner: A Life**. Washington, D.C.: American Psychological Association, 1993.

BLACKBOURN, David. **The Long Nineteenth Century: A History of Germany, 1780-1918**. Oxford: Oxford University Press, 1998.

BRASIL. **Marinha do Brasil. Comando-Geral do Corpo de Fuzileiros Navais. CGCFN-1-6: Manual de Operações Psicológicas de Fuzileiros Navais**. 1. ed. Rio de Janeiro, 2023.

BRASIL. **MD35-G-01 - Glossário das Forças Armadas**, 5ª Edição, 2015.

CARR, Edward Hallett. **O que é a história?** 7ª reimpressão, São Paulo: Editora Paz e Terra, 1961.

DALL'AGNOL, Augusto César e DORNELLES JR, Arthur Coelho. **Classificação de guerras: a problemática das (in)definições**. Revista de Estudos de Defesa, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, jan. 2017.

DOSENRODE, Soren. **World War 1: The Great War and its Impact**. (1. online edition ed.) Aalborg Universitetsforlag, 2018.

FIGES, Orlando. **A People's Tragedy: The Russian Revolution: 1891-1924**. London: Pimlico, 1997.

FESTINGER, Leon. **A Theory of Cognitive Dissonance**. Stanford: Stanford University Press, 1957.

FREUD, Sigmund. **A Interpretação dos Sonhos**. São Paulo: Imago, 1900.

FREUD, Sigmund. **O Ego e o Id**. Rio de Janeiro: Imago, 1923.

FREUD, Sigmund. **Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

GERMAN HISTORICAL INSTITUTE. **German History in Documents and Images**. Fonte: <https://germanhistorydocs.org/>. Acesso em: 03JUL2024.

HERZ, John H. **Idealist Internationalism and the Security Dilemma**. World politics, Vol. 2, 1950. Fonte: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5199310/mod_folder/content/0/Herz.pdf?forcedownload=1. Acesso em 20/05/2024.

JUNG, C. G. **Memórias, Sonhos e Reflexões**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2016.

JUNG, C. G. **Psicologia e alquimia**. 2ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1968.

KEEGAN, John. **The First World War**. London: Hutchinson, 1998.

KEYNES, J. M. **The Economic Consequences of the Peace**. New York: Harcourt, Brace and Howe, 1919.

KISSINGER, Henry. **Diplomacia**. São Paulo: Ed. Saraiva, 2012.

KÜHN, Adriana. **Guerra e Persuasão: Estudo de Caso da Operação Psicológica do Exército Brasileiro no Haiti, 2006**. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Faculdade de Comunicação Social.

MANVELL, Roger; FRAENKEL, Heinrich. **Doutor Goebbels: Vida e Morte**. São Paulo: Editora Madras, 2012.

MEARSHEIMER, John J. **The Tragedy of Great Power Politics**. New York: W.W. Norton & Company, 2001.

MESQUITA, Raúl; DUARTE, Fernanda. **Dicionário de Psicologia**. 1. ed. Lisboa: Plátano Editora, 1996.

MISES, Ludwig von. **As Seis Lições**. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 2010.

MONTAGU, Ewen. *O homem que nunca existiu*. São Paulo: Bibliex, 1978.

MOSSE, George L. **The Crisis of German Ideology: Intellectual Origins of the Third Reich**. New York: Howard Fertig, 1999.

PIAGET, Jean. **A Epistemologia Genética**. Recife: Ed. Massangana, 2010.

PIAGET, Jean. **A Formação do Símbolo na Criança: Imitação, Jogo e Sonho, Imagem e Representação**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

PIAGET, Jean. **O Nascimento da Inteligência na Criança**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1986.

PAXTON, R. O. **The Anatomy of Fascism**. New York: Knopf, 2004.

PETTY, R. E.; CACIOPPO, J. T. **The Elaboration Likelihood Model of Persuasion**. In L. Berkowitz (Ed.), **Advances in Experimental Social Psychology** (Vol. 19, pp. 123-205). Academic Press, 1986.

REES, Laurence. **Auschwitz: A New History**. New York: Public Affairs, 2005.

RYAN, Cornelius. **The Longest Day: June 6, 1944**. New York: Simon & Schuster, 1959.

SHIRER, William L. **Ascensão e Queda do Terceiro Reich**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SKINNER, B. F. **Science and Human Behavior**. e B. F. Skinner Foundation, 1953.

SKINNER, B. F. **The Behavior of Organisms: An Experimental Analysis**. New York: Appleton-Century, 1938.

SKINNER, B. F. **The Technology of Teaching**. New York: Appleton-Century-Crofts, 1968.

STEIN, Murray. **Jung: O mapa da alma**. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

STONE, Norman. **The Eastern Front 1914-1917**. New York: Scribner, 1975.

SUN TZU. **A Arte da Guerra**. Coleção L&PM Pocket, vol. 207. Floresta – RS: L&PM Editores, 2006.

TAYLOR, A. J. P. **The Origins of the Second World War**. New York: Simon & Schuster, 1961.

TEIXEIRA, J. de F. **Mente e comportamento**. Rev. Filos., Aurora, Curitiba, v. 22, n. 30, p. 27-40, jan./jun. 2010.

VYGOTSKY, Lev. **Mind in Society: The Development of Higher Psychological Processes**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1978.

WALTZ, Kenneth N. **Teoria das Relações Internacionais**. Lisboa: Editora Gradiva, 2002.

WALTZ, Kenneth N. **Theory of International Politics**. Berkeley: Addison-Wesley Publishing Company, 1979.